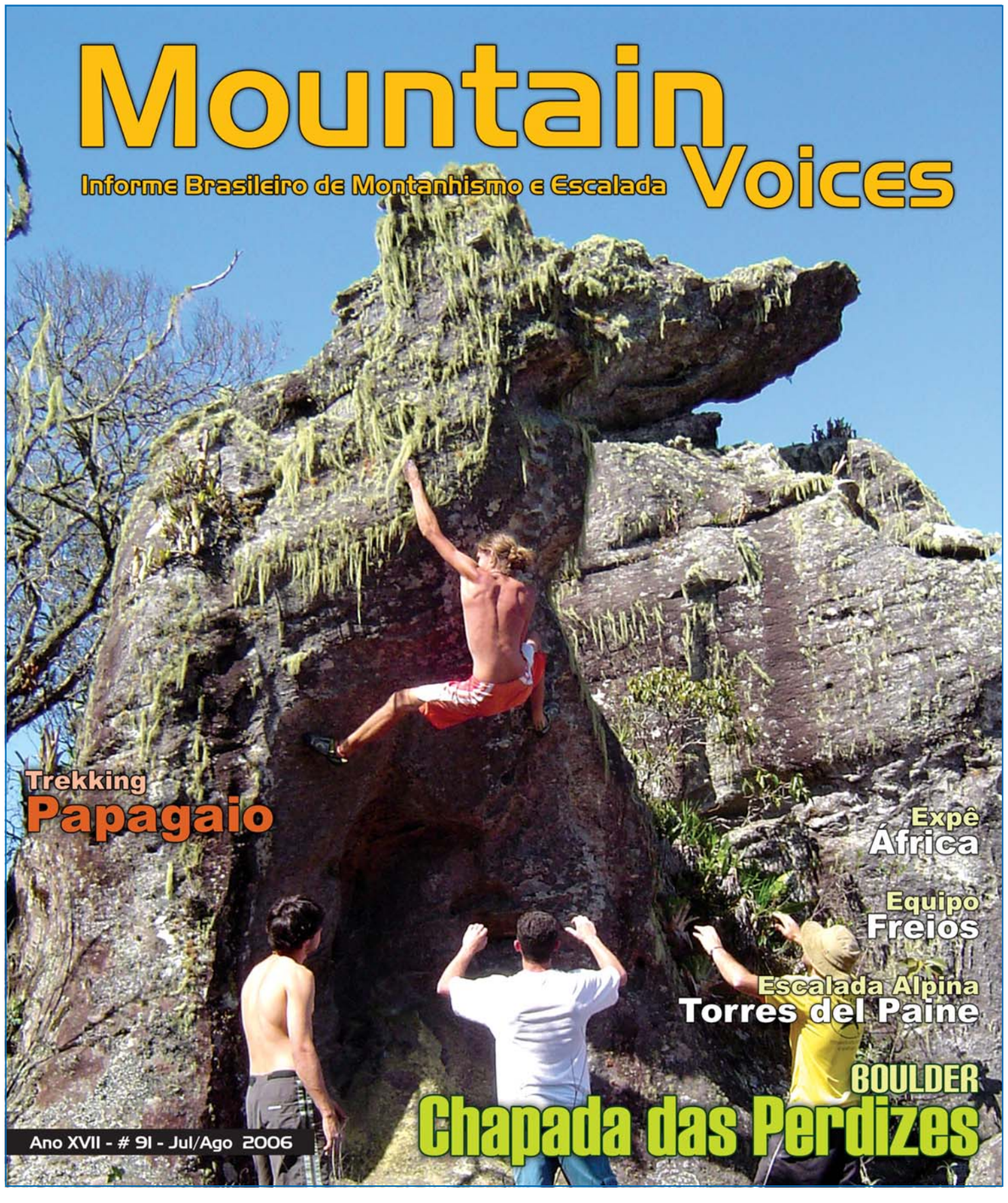
Mountain Voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada



Trekking
Papagaio

Expê
África

Equipo
Freios

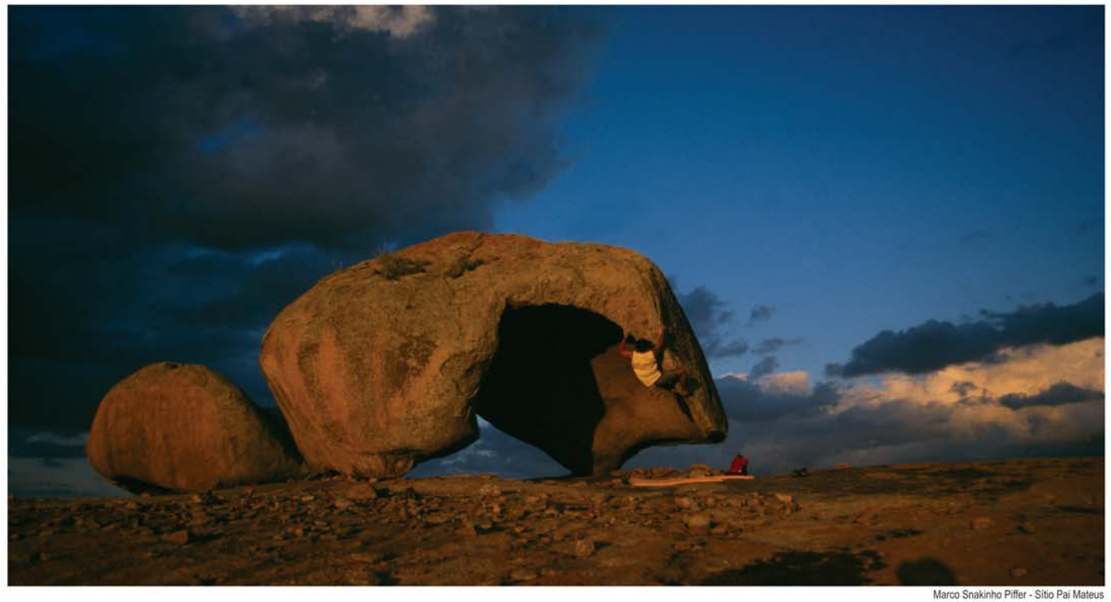
Escalada Alpina
Torres del Paine

BOULDER
Chapada das Perdizes

Ano XVII - # 91 - Jul/Ago 2006

geral

Solidão. É só um estado de espírito.



Marco Snakinho Piffer - Sítio Pai Mateus
Cariri -Paraíba/RN - Foto: Natália Kienitz

SNAKE
Reach the top

Você nunca está só.

www.snake.com.br

Internacional

Cobra Crack é considerada a fenda mais dícil do mundo, espanhóis fazem ação na África, Josune e Rikar em Ordesa....

ELISEU FRECHOU | SP

Montanhistas realizam ação social

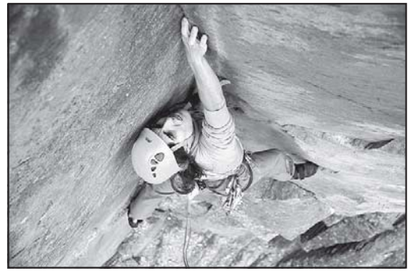
Uma expedição do Clube Alpino Universitário de Barcelona (Espanha) está empenhada em treinar trabalhadores do Parque Nacional Rwenzori em Uganda. Este Parque africano possui 25 cumes acima dos 4500m, todos com neves eternas, além de fauna e flora exuberantes, que contrastam com a secura da savana típica do continente.
Apesar de ser um lugar belíssimo, esta região recebeu apenas 315 visitantes em 2004, o que chamou a atenção dos universitários para realizar no local um trabalho que além de capacitar guias, gerasse renda através do montanhismo nesta que é uma das regiões mais pobres do planeta. Muitos montanhistas deixam de visitar o lugar devido a total falta de estrutura básica ou para a eventualidade de um resgate.

A linha mais difícil

O canadense Sonnie Trotter conseguiu após três anos de tentativas encadenar *Cobra Crack*, uma impressionante fissura de 30 metros de comprimento em Squamish (Canadá). A via é cotada em 5.14a e muitos a consideram a fenda mais difícil do mundo. O mais impressionante é que Sonnie encadenou a via sacando as proteções, e disse que a via é muito difícil técnica e psicologicamente, pois a dor é uma cosntante durante toda a via, que tem várias blocadas de um e dois dedos. Outro grande especialista em fenda, o suíço Didier Berthod, tentou *Cobra Crack* por dois meses, sem conseguir a cadena.

Esportivo ou tradicional ?

Josune Bereziartu e Rikar Ortegi mandaram no último mês diversas vias de grau extremo em Ordesa (Espanha). O lugar é tido como a meca da escalada esportiva de aventura na Europa, pois muitas das vias ultrapassam as 6 enfiadas e tem um grau bastante elevado, muitas na casa do 9a francês. Mandaram várias vias á vista e encadenaram alguns nonos como *A Divina Comédia* e *Enamorados* no mais puro estilo: sacando as costuras.



Nepal libera permissão para picos de 7000m

Os montanhistas eslovenos Andrej Stremfelj, de 49 anos e Rok Zalokar, de 23, concluíram a primeira ascensão do Janak (Nepal, 7071m), um dos picos abertos para escalada pelo governo nepalês em 2003. Andrej e Rok precisaram de dois dias e uma noite para escalar a montanha, que tem um pilar de rocha de 1140m. Stremfelj é um experiente escalador alpino que tem voltado sua atenção aos picos que estão sendo abertos pelo Nepal para realizar as primeiras ascensões e a face sudeste do Menlungtse (7181m) foi uma que ele já teve sucesso.

Morte ou glória

A dupla britânica formada por Nick Bullock e Matt Helliker plantou-se nesta última temporada no Valle de la Quebrada Alhuina, no Peru com intenção de abrir novas rotas, neste lugar que até o momento, contava com apenas duas rotas antes de sua visita. Sua intenção inicial era abrir o corredor que separa o Huantsan Sur (5919m) do Huantsan Oeste (6270m), mas o mal tempo os impediu, e eles foram então para o esporão noroeste, mais protegido. Após 1000m de escalada chegaram ao topo, concluindo a rota que eles batizaram de *Morte ou Glória*. Para Bullock, o grau da via nada diz a respeito da rota, pois o que vale é o comprometimento necessário para se lançar ao itinerário.

Campeonato Centro-sulamericano

Belê e Janine conquistam a medalha de prata.

André Berezoski | SP

Após participarmos da primeira etapa da Copa do Mundo em Puurs, na Bélgica, voltamos para o Brasil ainda mais motivados para treinar visando às próximas etapas mundiais e o Campeonato Centro-sulamericano, que ocorreu entre os dias 19 e 21 de maio, na Venezuela.
Partimos no dia 17 de maio para a competição que ocorreu na cidade venezuelana San Juan de los Morros, situada a quatro horas da capital Caracas.
Mais uma vez, a falta de patrocínio nos acompanhou nesta batalha para competir fora do país, porém não nos impediu de conquistar a medalha de prata e por muitíssimo pouco não trazer o ouro.
O campeonato contou com algumas equipes formadas por mais de 8 atletas, como foi o caso da Venezuela que, competindo em casa, levou o ouro em todas as categorias.
Além do Brasil e da Venezuela, estiveram presentes ainda equipes do Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador e Guatemala, a maioria representada por um delegado e com federações custeando suas seleções.
Nos três dias de competições ocorreram, respectivamente, as modalidades de dificuldade, boulder e velocidade.
No dia 19, competimos em dificuldade (nossa especialidade), e na primeira via classificatória cotada em 9a para o masculino e 8b para o feminino, ambos caímos da via por estourar o tempo limite. Não conhecíamos a estrutura da parede e, por isso, fomos mais cuidadosos e lentos nesta primeira escalada.
Os venezuelanos Manoel Escobar (masculino) e Francis Rodrigues (feminino) que se classificaram em 1º nesta fase treinam justamente neste muro e puderam ser mais rápidos.
Já na segunda via, já mais espertos com a questão do tempo e aclimatados com a parede, fizemos top em uma via graduada em 9 b/c no masculino e 8b para as mulheres.
Na final feminina cotada em 9a, tanto Janine quanto Francis fizeram top em uma via que podia e deveria estar mais difícil, para que o desempate não tivesse que ser feito pela via classificatória e sim, em uma via final que mostrasse quem estaria mais preparada - uma falha dos route-setters.
Na final masculina, dos 8 finalistas, 4 eram venezuelanos, 1 chileno, 1 colombiano, 1 equatoriano e 1 brasileiro, mostrando assim a força da seleção venezuelana. A via de 52 movimentos e um percorrido de mais ou menos 25 metros acabou derrubando muita gente a pouca altura, na qual eu e Manoel (VEN), caímos tocando exatamente a mesma agarra, faltando ainda 18 movimentos para o final da via.
Por isso, mais uma vez, consideramos que os route-setters não acertaram no grau da via, deixando muita via para ser escalada e pouco atraente para o público que viu os primeiros lugares caírem no meio da parede.
Tudo isso nos faz enxergar a importância de se sair bem em todas as fases de uma competição, seja ela aqui ou no mundial.

A decisão dos campeões, conforme regras da UIAA climbing, passou então a ser mais uma vez pela fase classificatória, e como Manoel havia completado a via classificatória, conseguiu assim seu 2º título Centro-Sulamericano.
Dia 20, foram disputadas as fases de boulder. Acabei não conseguindo chegar às finais, ficando em 11º de 22 atletas, com Leonel de las Salas em 1º, Manoel Escobar em 2º e Rafael Olivares em 3º, todos da Venezuela.
Janine classificou-se para a final em primeiro, sendo a única a mandar todos os boulders à vista. Porém, na final, estava nitidamente mais cansada, finalizando a prova em 4ª de 13 competidoras, com o 1º lugar para Francis Rodrigues, 2º para Lucélia Blanco e 3º para Carolina Colmenares, todas venezuelanas.
O último dia de competição foi de velocidade, onde acabamos competindo mais por diversão e para pontuar no quadro geral das provas. Aí o domínio total dos venezuelanos ficou evidente e impressionou.
Na colocação geral, Janine terminou as provas em 3ª e eu em 4º. No geral por país, o Brasil ficou em 2º e no geral por equipe de dificuldade, o Brasil em 2º no masculino e feminino.
Mais uma vez ficou claro que o apoio do governo da Venezuela, via Federação, tem dado resultados e grande parte dos escaladores tem se dedicado exclusivamente ao esporte. Os quatro primeiros escaladores da seleção venezuelana passarão 4 meses na Europa, de julho a outubro, para competir e treinar com todos os custos pagos pela Federação. Ainda assim, a diferença entre Brasil e Venezuela foi praticamente inexistente e se considerarmos que não temos ainda 20 por cento do apoio que recebem, fica claro o nosso potencial.
Por enquanto, somos apenas dois representantes nessa competição, mas temos muitos escaladores brasileiros com tremendo potencial e se pudéssemos formar uma "seleção" de todas as modalidades para competir lá fora, com certeza o quadro geral seria outro.
Mais uma vez, agradecemos aos nossos apoios e a todos que torceram pelo Brasil em mais uma conquista da escalada nacional.
Agradecemos à CBME que, apesar de recém-formada, está se organizando para viabilizar nossas participações lá fora, tentando estabilizar nossa relação com a UIAA e ICC, órgãos oficiais que lutam pelo montanhismo e escalada internacionalmente e buscam a inclusão da escalada como esporte olímpico.
Chegaremos lá!
André Berezoski, é atleta apoiado pela Casa de Pedra, BY, Conquista e Rômulo Bertuzzi.
Janine Cardoso, é atleta apoiada pela Casa de Pedra, Biomecânica Funcional e Belê Pad.

Finalistas e modalidades:
Dificuldade Feminino: Francis Rodriguez (Ven); Janine Cardoso (Brasil); Sara Alwyn (Chile).
Dificuldade Masculino: Manuel Escobar (Ven); André Berezoski (Brasil); Rafael Olivares (Ven).
Boulder Feminino: Francis Rodriguez (Ven); Lucélia Blanco (Ven); Carolina Colmenares (Ven); Janine Cardoso (Brasil).
Boulder Masculino: Leonel de Las Salas (Ven); Manuel Escobar (Ven); Rafael Olivares (Ven); 11º André Berezoski (Brasil).
Velocidade Feminino: Rosmery da Silva (Ven); Berlys de Las Salas (Ven); 13ª Janine Cardoso (Brasil).
Velocidade Masculino: Manuel Escobar (Ven); Gabriel Delgado (Equador); 12º André Berezoski (Brasil).

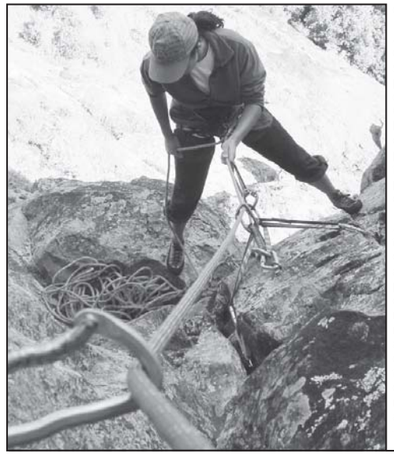
▲ Belê no muro de boulder.
▼ Janine do pódium.

Segurança mecânica - I

Não existem equipamentos à prova de desatenção. Saiba toda a verdade sobre os equipamentos mecânicos de segurança e esqueça os mitos.

Mônica Filipini e Diogo Marassi | SP

Particularmente fiz a opção de usar como segurança, o sistema de freio linear quando comecei a escalar, porém o uso de freios mecânicos cresceu muito. Tem sido amplamente usado em ginásios e na rocha, em escalada esportiva, claro que escaladores de grandes paredes usam, mas este equipamento é mais popular nestas modalidades citadas. Muitos escaladores optam por usar em vias esportivas , top rop ,etc... porém o uso correto deste equipamento é a chave para uma segurança adequada.
Os freios mecânicos – o Grigri da Petzl e o Cinch da Trango – que temos disponível no mercado hoje, vem com um manual de instruções e como todo equipamento de escalada , deve ser lido antes do uso, mas como encontramos esta matéria especifica sobre o assunto, achamos que as dicas poderiam ser úteis para quem está começando a usar estes equipamentos.
O Sum e outros modelos serão tratados na póxima edição.
O conceito comum que os equipamentos de segurança mecânicos são auto-blocantes está errada, e este conceito errado resulta em acidentes e/ou seguranças ineficientes. Nenhum dos dois freios são considerados "hands free", ou seja, as mãos sempre em ação, ambos requerem uma mão de frenagem ativa na corda de freio para funcionar adequadamente.
O elemento mais exigente ao operar um equipamento destes é alimentar a corda ao guia, é muito comum que o segurança ao alimentar a corda dê "corda curta" ao guia quando este puxar a corda para costurar, e na tentativa de minimizar esta questão seguem dicas específicas:

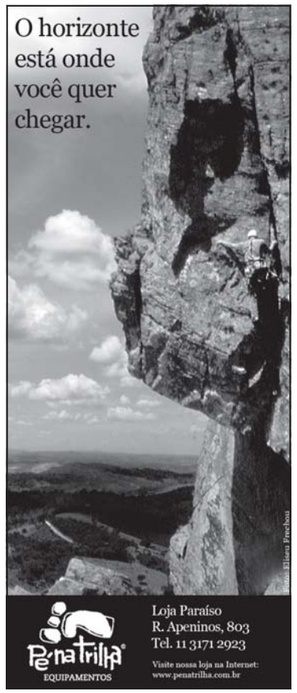


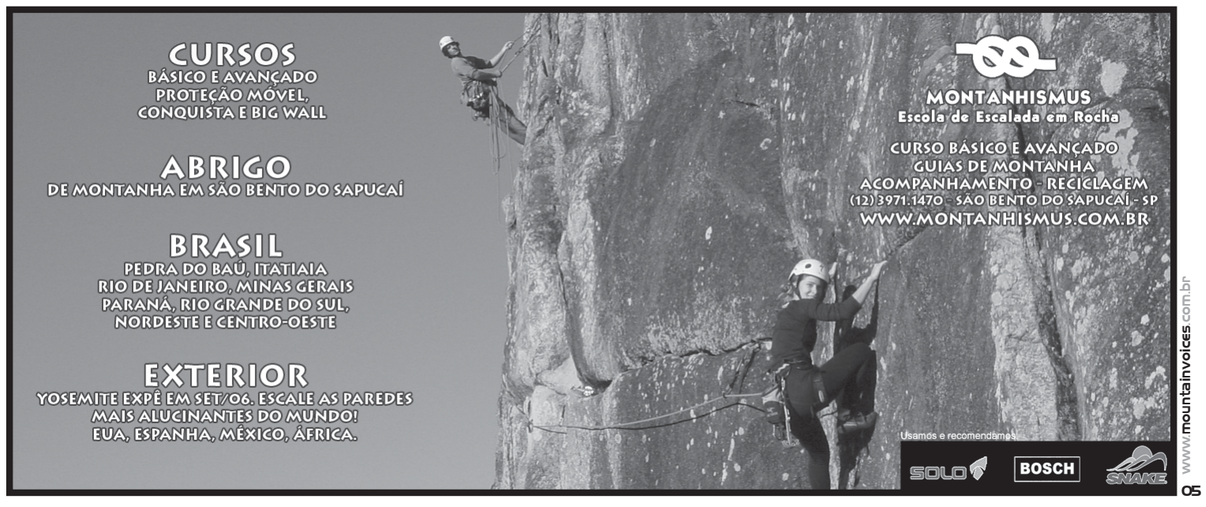
Alimentação gradual pelo Grigri: Conforme o escalador se movimenta, o segurança pode usar o grigri como qualquer outro freio linear ou oito. Gradualmente puxando ou liberando a corda através do equipamento com as duas mãos para que a corda se movimente facilmente pelo freio, mas se puxar ou liberar muito rápido o equipamento vai travar.

Alimentação rápida: Enquanto a alimentação gradual funciona muito bem para pequenos ajustes, não é ágil o suficiente para escaladores mais rápidos ou para costuras. A maneira mais comum para agilizar a alimentação é segurar temporariamente o mecanismo blocante do equipamento com a mão do freio e puxar a corda com a mão do guia. O problema com este método – não recomendado ou aprovado pelo fabricante Petzl - é que a maioria dos seguranças cometem o erro de manter a mão no equipamento durante a escalada travando o sistema de blocagem, expondo assim o escalador a um acidente ou possíveis machucados durante uma queda repentina. O Grigri somente travará a queda se o mecanismo estiver livre para funcionar, assim sendo , uma segurança eficiente mantém este mecanismo livre a maior parte da escalada. Após a alimentação rápida, retorne imediatamente a mão para a linha de frenagem e use o sistema gradual de alimentação para os ajustes menores.

O método do copo: Se você está pedindo alguém que nunca deu segurança ou sente que ainda tem dificuldades com o sistema rápido de alimentação, um método – também não aprovado pela Petzl - a ser considerado é a técnica de "copo". Para alimentação uma pouco mais rápida que o sistema gradual, temporariamente segure o grigri com um copo segurando o topo do equipamento com a sua mão de freio (mantendo o seu dedão mais próximo do peito e paralelo com os outros dedos) e use a sua mão do guia para rapidamente alimentar uma ou duas braçadas de corda. Quando terminar de alimentar , como anteriormente, volte a mão para a corda de freio e use o método de alimentação gradual.

E se for um Cinch da Trango: O Cinch também tem a tendência de travar a corda quando a alimentação é um pouco mais rápida que o normal, a Trango recomenda um método de alimentação rápida que funciona segurando ambos, o equipamento e a corda com a mão de freio e simplesmente inclinar o sistema inteiro para baixo, liberando corda com a mão do guia. Com este movimento alinha o caminho de corda dos escaladores, através do aparelho e a mão de freio, reduzindo a tendência do equipamento travar. Enquanto você mantiver uma mão ativa na corda de freio, qualquer queda do guia trará o sistema de volta a posição normal e o mecanismo blocante é ativado. Outro método de alimentação rápida – este não recomendado pela Trango – é de desativar rapidamente o mecanismo com o "silver thumb tab" recurso que o aparelho tem e que foi desenhado para permitir que o segurança destrave uma corda quando o guia puxar com muita força para realizar uma costura. Segure o recurso, libere a quantidade de corda necessária e imediatamente volte para o modo de segurança normal.
A dica para ambos, Cinch e Grigri - ou qualquer outro sistema de segurança é manter sempre uma mão firme na corda de freio.
Se você desativar o sistema de blocagem , faça isso de maneira rápida e consciente , depois retorne a posição de segurança e mantenha esta mão ativa. Boas escaladas, e até o próximo número, na segunda parte deste artigo, com outros novos equipamentos.





Ibitirati - terreno de aventura

Musgos Eternos nas Mentes Delirantes, esse é o nome da rota que conquistamos no feriadão de 1º de maio no Ibitirati.

TAYLOR THOMAZ | PR

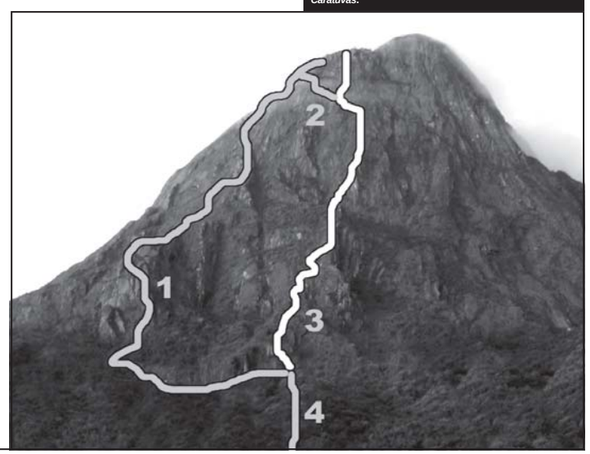
Bem, já havia alguns anos que ansiava por abrir uma rota no Ibitirati, após algumas idas à *"Mar de Caratuvas"* inclusive com o "Sexta", rendemos bem, mas nos perdemos na via e o tempo virou, uma descida não muito agradável.
Em 2003, com o Homer, fizemos cume, mas novamente nos perdemos, então acabamos por abrir uma variante no final da via, são três enfiadas em móvel, à esquerda da linha original, com o nome de *"AnderBlack"* V VI E3 150m, em homenagem aos companheiros de escalada que nos deixaram muito cedo, o Oséas (Black) e o Anderson (Ander).
Acessamos o Disco Porto na sexta-feira para um bivaque gelado com um céu estrelado demais, e pela manhã subimos pela trilha de acesso à parede, pegamos água no acesso à *"Ecoxiitas"*, mas antes do início dos trepa-matos nas rochas, a caminho da *"Mar de Caratuvas"*, fomos abrindo caminho à esquerda, contornamos a língua horizontal de rochas à esquerda e subimos para a base da via, um bloco de uns 200m.
Começamos a escalar as 12:00hs, com o Homer iniciando a diversão, uma enfiada mista de rocha e trepa-mato, V grau numa parada móvel em stoppers pequenos e microfriends, que requer uma boa equalização de forças.
Iniciei a guiada da 2ª enfiada, que era bem vertical e com trepa-matos sinistros, fui subindo e já imaginava um possível vôo, quando achei uma agarra e fendas, aí foi só alegria um 7a/b protegido em friends, a parada é mista friend/árvore num platô inclinado.
O Sexta guiou a 3ª enfiada com um lance estranho (VISup) logo na saída e flui bem com algumas peças móveis, a parada é toda em móvel num platô abaixo de uma barriga na rocha.
O Homer pegou a 4ª enfiada, um diedro de mato à direita, com um final em blocos espalhados encosta acima(III grau).
A quinta enfiada foi minha e segue por uns trepa blocos com uma chaminé (V) pequena bem legal e uma mescla de rocha e mato no final, com uma parada móvel potente num grande bloco, local de nosso bivaque.
Na sexta enfiada, nosso amigo Sexta começou a mostrar seu bom psicológico nas guiadas, lances de VISup, com umas poucas proteções móveis e fim em trepa-mato com parada em blocos.
A sétima segue por uma diagonal à direita para evitar uma grande vertente, passa por uns blocos, um lance bacana perto do final (VSup), numa parada delicada, guiada pelo Homer.
Na oitava enfiada eu continuei tendendo à direita até chegar na rocha, sem muitas possibilidades, tentei o lance e caí no mato, contornei pela esquerda e mais acima depois de um lance de VI, segui à direita numa parada móvel em três pontos.
Na 9ª enfiada, o Sexta assume e manda na rocha lances fortes de 7a/b sem proteger nada, tava empolgado mesmo. A parada foi em três árvores afastadas, equalizadas com a própria corda.
O Homer guiou a 10ª, que passa por lances técnicos, numa sequência de fendas em afloramentos de rocha (V), bonita enfiada que termina numa boa arvorezinha que permite fugir do sol um pouco, que nesse horário nos castigava por demais.
Acima de nós paredes verticais com alguns tetos, mas nossa situação não era das melhores, a água em vias de acabar, um calor infernal, não sabíamos quanto faltava, mas sabíamos que não era pouco e descer seria muito difícil sem rota de rapel, foi então que tomamos uma decisão que foi muito acertada, diagonar mais uma enfiada à direita para então seguir por um diedrão, que dava acesso às encostas de mato que chegam ao cume, nossas fotos da parede foram de grande valia.
Guiei a 11ª enfiada, numa grande diagonal à direita (IV), mas tive que descer um pouco para poder conectar o lance, dá-lhe trepa-mato, alguns delicados com proteções móveis e em arvorezinhas esparsas, enfiada xarope com o fim já no diedro, numa árvore e camalot 4 com algo de sombra.
O Sexta guia a 12ª, trepa-mato no diedro (IV) com alguns lances em rocha no final (VI), parada em friends.
O Homer guia a 13ª com trepa-mato e alguns lances de rocha marotos (7a) e parada em friends/árvores.
Nossa água já se acabara duas enfiadas atrás, nossos 3 litros de água por cabeça não foram suficientes e os efeitos da desidratação iam se acentuando.
Mas, aos poucos o sol ia dando uma trégua e guio a 14ª enfiada por uma fenda diagonal (A1/7a/b) no diedro com trepa-matos e rocha no final (VISup) e uma parada cômoda na sombra de duas árvores.
Na 15ª, o Sexta mostrou por que veio, a enfiada era técnica em rocha com poucas proteções, uma canaleta de mato horripilante e mais rocha com formigas (7a/b) e nada de proteção, termina em trepa-mato numa parada também delicada.
Bem, agora reunidos os três na parada, a noite já se fazia presente.
Na 16ª, o Homer se protegeu numa fenda e saiu para um lance de rocha bonito e técnico (V), a seguir uma canaleta de mato longa sem proteger em algo senão tufos de mato e ao chegar num lance de rocha liso resolve descer.
Assumo a bronca, chego no lance e analiso, a última proteção sólida está muito abaixo, então penso na roubada que estamos, sabe-se lá o quanto falta pra terminarmos, bato uma chapa, protejo, galgo os estribos, faço um furo de cliff e passo o lance (A1/7a/b).
Vou passando mais um lance, um pouco antes de sair à esquerda do diedro e o quê encontro? Água! Isso mesmo: água, bem ralinha escorrida na pedra, ajeito-me e lambo-a sem demora, mas ainda não basta, subo mais um pouco e sorvo água com terra de musgos que ali estavam a um bom tempo, só esperando pra nos servir, estávamos delirando mesmo, mas isso nos incentivou no que faltava para concluir a escalada.
Após uns "goles" de esponjas de musgo, viro o lance num bloco apoiado, maior que uma tv 20", chego num platô pequeno com outros dois blocos, em que faço a parada, por volta das 22:30hs eu acho.
Admirava a abóbada celeste, as estrelas cadentes e as luzes do vilarejo de bairro Alto no fundo do vale, e pensava: isso é que é sensação de liberdade, de contato puro com o planeta, com nossos instintos de desvendar seus mistérios e com isso descobrirmos um pouco mais de nós mesmos.
Enquanto isso, o Homer garimpava 1 litro de água barrenta para aplacar nossa sede, o Sexta estava inquieto, ansioso por concluir a via.
O Homer novamente vai pra ponta caliente da corda, mais uns 15m de lances tranquilos com uma saída delicada (VI), enfim quase meia-noite, nós três estamos reunidos na P17, fim da via, foram mais ou menos uns 700m de estilo alpino nesta montanha alucinante e linda.
Mas a aventura insistia em nos arrastar consigo e à nossa frente uns 300m de rampões de trepa-matos, que um pouco antes da metade se verticalizava um pouco. Fizemos este trecho encordados, chegamos ao cume às 4 da manhã, e foi engraçado, o sono e cansaço eram intensos e cochilávamos aonde deitássemos.
A madrugada era fria, mas nosso objetivo era o Abrigo 2, pois lá estava nossa tão almejada água. O mais curioso era a sede, que nos debilitava o corpo insistindo pra parar, no entanto era a mesma que nos dava forças para seguir madrugada adentro.
Cruzamos então até o Pico Paraná no amanhecer, uma névoa fria e úmida envolveu as montanhas e tocamos pro Abrigo 2, às 7hs nos esbaldávamos da água mais deliciosa da serra.
No Abrigo 1 a visão do Ibitirati era hipnótica e já me imaginava novamente escalando em suas encostas.

Musgos Eternos nas Mentes Delirantes, tem 17 enfiadas, V 7a (A1, 7b) E3/4 700m
Equipamento: 1 jogo de micro friends (03 pçs), 1 jogo de friends/camalots completo, umas 12 peças desde as menores até o camalot 4, 1 Camalot 4,5 ou 5 pra 16ª enfiada, 1 jogo de stoppers, 1 cliff talon, 1 par de estribos, 1 corda de 60m (a via não é equipada para rapel), Costuras longas;
Obs: A maioria das enfiadas são cheias (60m).
Existem alguns trechos da via que pretendemos melhorar, nestes é possível se utilizar mais da rocha no itinerário das enfiadas.
Conquistadores: Ivon César "Sexta", Luis Fernando Moreira "Homer" e Taylor Thomaz, maio de 2006.

Variante "AnderBlack", 4 enfiadas, V VI E3 150m
Começa à partir da metade da 14ª enfiada da *"Mar de Caratuvas"*, a enfiada anterior, é aquela em que sai de dois grampos próximos e vai para a esquerda diagonando numa fenda boa para um friend 3,5, a parada fica num platô bom com dois grampos.
A variante inicia diagonando à esquerda, um pouco acima, nuns trepa-matos instáveis com rocha lisa acima, depois da diagonal faz parada em duas árvores.

A próxima segue por lances de rocha e mato com boas proteções móveis e a parada fica atrás de um grande bloco em que o segurança fica por trás bem acomodado, a segurança é mais de corpo com backup em microfriends, mas é tranquilo.
A outra sai à esquerda, um delírio, uns 50m em fendas intercaladas por miniplatôs, com um final à direita para desviar um grande bloco solto, por um diedrinho e saída numa aresta à esquerda, dá um arrasto, mas com fitas longas nas quebras melhora bastante, a parada foi feita laçando arvorezinhas, vários bambus e caratuvas num platô.
A última é curta, contorna um bloco pela esquerda deste e vai para um ótimo platô com parada móvel e vira mais um lance curto pros rampões mais acima da saída da *"Musgos Eternos nas Mentes Delirantes"*.
Equipo: 1 jogo de friends (+-10 pçs), 1 jogo de microfriends (03 pçs), 1 corda de 60m (a via não é equipada para rapel), Costuras longas;
Conquistadores: Taylor Thomaz e Luis Fernando Moreira Homer, inverno de 2003. Contato: ibitira@yahoo.com.br

Taylor guiando a quinta enfiada da *Ander Black*.
1 *Musgos eternos*; 2 Var. *Ander Black*; 3 *Mar de Caratuvas*.



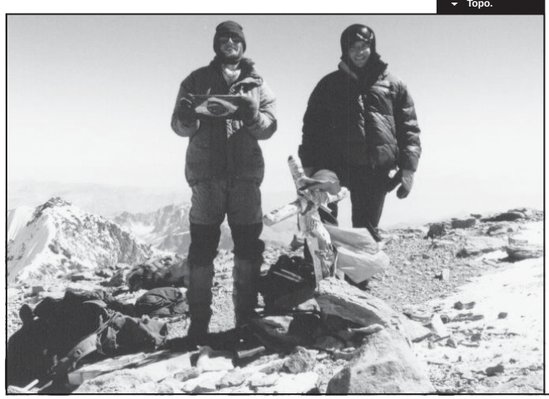
Falso Polacos

Uma ótima opção para subir o Aconcágua

LEANDRO BAZOTTI | RS

Verão, alta temporada de escalada na Cordilheira dos Andes. Montanhas cheias de pessoas, expedições de todos os cantos do mundo e, é claro, muitos locais contaminados e sem espaço para montar a barraca; é assim que tem sido as últimas temporadas nesta e em tantas outras regiões montanhosas de nosso planeta.
No Aconcágua não é diferente e milhares de pessoas se amontoam e fazem fila para subir a montanha, mas, mesmo onde menos se espera, sempre existe uma sombra ao sol, e nesse caso, esta sombra se chama Falso Polacos.
Em fevereiro deste ano, eu (Leandro Bazotti) e meu companheiro de roubadas (Humberto Câmara Jr.), saímos mais uma vez de Porto Alegre com destino a Mendoza, porém, desta vez, com um intuito um pouco diferente, pois além de estarmos indo para subir a montanha mais alta das Américas, tínhamos um outro propósito, realizar um registro fotográfico de uma rota não muito freqüentada, e para isso, nos juntamos com outros dois grandes amigos (Diego Tolin e Diana Cavieres – ambos argentinos), os quais após longas negociações com o governo, obtiveram o apoio da Direccion Provincial de Recursos Naturales em um importante item para a expedição: os permisos.
Com todos os preparativos já providenciados, toda a comida, combustível, remédios, roupas, equipamentos e demais itens que se fazem necessário para uma empreitada de grande porte, partimos de Mendoza de carro até a entrada da Quebrada das Vacas, o local onde se inicia a aproximação de 3 dias de marcha até o acampamento base. Como chegamos no meio da tarde, decidimos acampar na entrada do vale, o que nos serviria para o início do trabalho de aclimatação. No dia seguinte, realizamos uma marcha de 8h até chegar o primeiro acampamento (Pampa de Lenhas – 2.300m), passamos a noite de bivac, como na noite anterior. Na manhã seguinte iniciamos a parte mais longa de toda a aproximação, muito mais do que a temível "playa ancha", até chegarmos no segundo acampamento (Casa de Piedra - 3.200m). Foi uma jornada de pouco mais de 10h, mas com um visual incrível, nada comparado com o outro lado da montanha. Neste acampamento se tem a primeira visão da montanha, com uma cara muito imponente, com o glaciar dos polacos todo avista. Devido ao bom tempo que fazia, decidimos pernoitar ao ar livre novamente e nesta mesma noite votamos por fazer um dia de descanso, pois como escalamos em estilo alpino e muito carregados, merecíamos essa pausa, até mesmo para nos aclimatarmos bem. Este dia foi de "relax" e deu até para arriscar um banho... que frio! Além disso no meio da tarde recebemos a ilustre visita de uma família de guanacos.
Na manhã do outro dia, acordamos cedo para cruzar o Rio Vacas e entrar na quebrada do relincho, uma parte muito empinada e perigosa, pois a trilha é muito alta e escarpada. Existem vários trechos onde as passagens estão desmoronando e se pode cair vários metros a acabar dentro do rio... nada bonito de se ver...Mas, uma vez vencido esta parte, se cruza novamente o rio e se caminha bastante por uma planície com uma vegetação rala, visualizando toda a montanha, até chegar ao fundo do vale, onde está localizado o acampamento base (Plaza Argentina – 4.200m).
Chegando ao acampamento base, que está localizado completamente em cima de um glaciar coberto de pedras, encontra-se toda a infraestrutura dos guardas parques e empresas; ali, revimos muitos amigos que são campamenteros e porteadores e no mesmo momento se armou aquela festa, até churrasco e cerveja rolou e pela primeira vez montamos as barracas.
O dia seguinte, foi de aclimatação, comendo e se hidratando muito, fizemos ainda a separação dos equipamentos que iríamos portear até o C1 – 5.100m no outro dia. Iniciamos o dia bem cedo, levamos além de equipamento, bastante comida, foi bem tranqüilo, tirando a travessia dos rios e das gretas, pois lá está cheio destas coisas. Eu optei em subir com um par de botas da Snake e roupas de polar, mas teve quem optou por subir de botas duplas e impermeáveis postos.
Quando chegamos de volta a base, o tempo havia fechado e na mesma noite já começou a nevar, o que nos obrigou a esperar mais um dia na base, o que não adiantou muito, pois o outro dia seguiu nevando, mas decidimos subir mesmo assim e foi bem duro. Chegamos ao local do acampamento com visibilidade de menos de 15m e tivemos de montar rapidamente as barracas e ir buscar neve para poder fazer água. Deste momento até os próximos 5 dias, nossa rotina era sair da barraca para ir tirar a neve acumulada de volta da barraca, catar mais neve para a água e ir ao "banheiro" quando o vento permitia, pois as temperaturas baixavam dos 25 graus negativos.
Quando chegamos neste acampamento, tinha uma expedição de italianos ali e durante a tempestade mais uma subiu para o C1, mas nenhuma delas resistiu ao mau tempo e abandonaram.
Quando o tempo melhorou, subimos ao C2 – 6.100m, passamos mais um dia nessa altura e na madrugada seguinte acordamos as 2:30h para nos vestir, tomar café e arrumar tudo e às 5h estávamos fora das barracas caminhando. Realizamos todo o caminho de grampons devido a quantidade de neve acumulada e às 14h do dia 05/mar todos estávamos no cume festejando, permanecemos ali por quase 50min. Até iniciar a descida que também foi bastante dura, assim como a subida. Retornamos ao acampamento por volta das 19h, com o sol já escondido atrás da montanha, fizemos uma sopa e capotamos, só acordando na manhã seguinte, quando tomamos café, desarmamos tudo e iniciamos a descida até o CB, onde não havia mais ninguém, somente os guardas parques que estavam nos esperando, afinal, éramos a última expedição na montanha; devido a isto, acabamos dormindo no refúgio do médico, com colchão e tudo, podendo assim descansar de verdade.
Quando acordamos, fomos perceber realmente o estado em que nos encontrávamos e tínhamos ainda mais três dias de descida pela frente... se não estivéssemos tão cansados e carregados, até poderíamos tentar fazer em dois dias, pulando um acampamento, mas a distância é muito grande e nós não tínhamos condições; na verdade iniciamos a descida (depois de nos despedirmos dos "caseiros"), a todo gás, com a idéia de passar batido o próximo acampamento, mas quando chegamos no ponto de cruzar o primeiro rio, percebemos que seria muito difícil e isto se confirmou quando descemos a quebrada do relincho e tivemos de cruzar o outro rio... seria impossível e montamos acampamento, ou melhor os sacos.
Depois disso caminhamos todo o dia seguinte até Pampa de Lenhas, onde passamos a noite e seguimos com a marcha durante todo o outro dia, até chegar ao final do vale, onde estava nosso carro. Dali fomos para o bar mais próximo a tomamos muita cerveja, comendo um super lomo completo, para somente depois pegar a estrada e descer a cordilheira e chegar "em casa", onde um super assado nos esperava, com muitos amigos e mais cerveja!
No total permanecemos 19 dias na montanha, 1 dia a mais que no Tupungato e 2 dias a mais que no Mercadário, outras duas grandes e difíceis montanhas dos Andes Centrais, as quais também já escalamos em outras oportunidades. Mas fica ai a dica: "se quiserem fugir de todo o 'quilombo' que existe pelo lado normal da montanha, e senti-la com um ar mais selvagem, esta é a saída". Valeu e bons ventos!!!

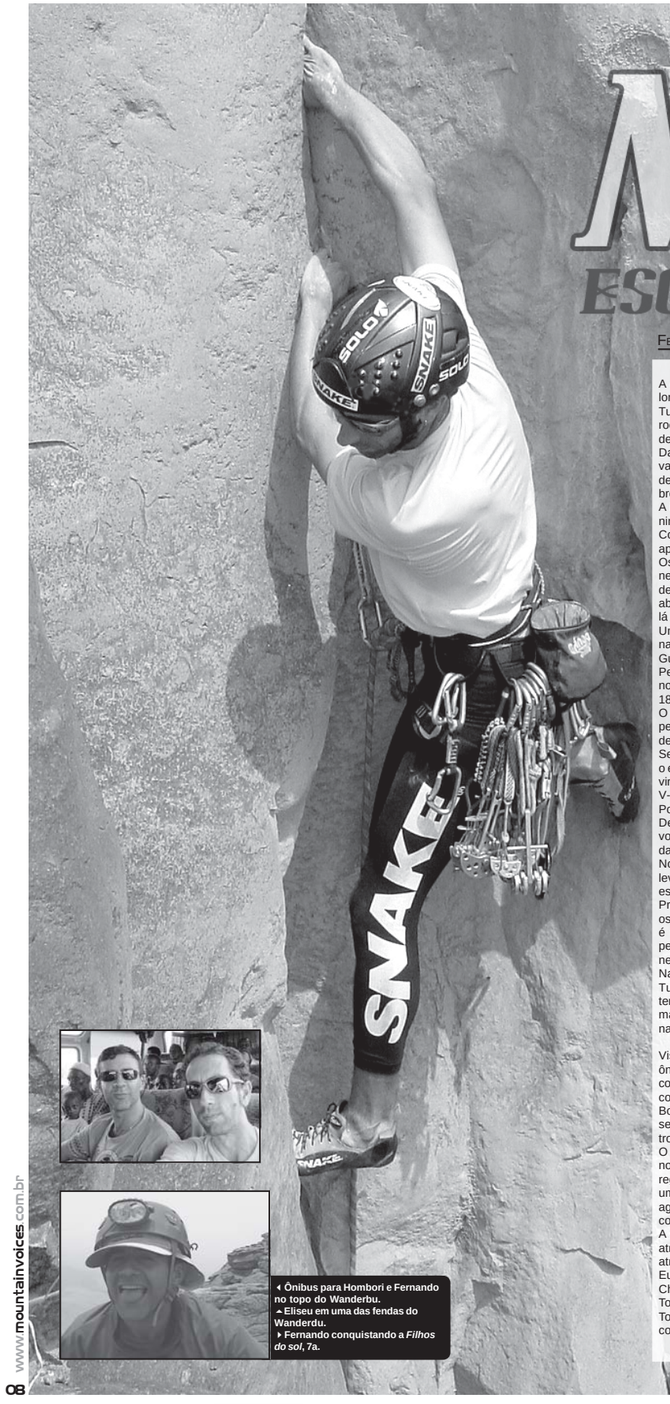
Aconcágua.
Topo.



MALI

ESCALANDO A 50°C

FERNANDO LEAL | SP



◂ Ônibus para Hombori e Fernando no topo do Wanderbu.
▴ Eliseu em uma das fendas do Wanderdu.
▸ Fernando conquistando a *Filhos do sol*, 7a.

A gente que se acostuma a ter todas facilidades da civilização atual nem imagina que não muito longe de nossas vidas possa existir uma civilização que vive a realidade de uns... cem anos atrás. Tudo começou em 2005 quando Eliseu Frechou soube das minhas escaladas em picos dos desertos rochosos do Ceará. Fez então a proposta de seguir para o coração da África sub-sahariana a fim de deixar novas marcas da raça brasileira nas paredes do complexo de Main de Fatma no Mali.

Daquela vez havia chance de termos patrocínio, mas as agendas dos envolvidos não se conciliavam com as melhores épocas do local. É fácil imaginar que seria melhor enfrentar o tórrido verão no deserto durante meses de maio/junho do que correr grande risco de contrair malária nos de novembro/dezembro, época do pós-chuvas na borda do deserto do Sahel.

A idéia ficou para ser viabilizada em 2006 e a decisão de saída era minha, pois sem patrocínio de ninguém o empreendimento todo ficou por minha conta.

Começamos os treinos em março e toda semana seguíamos rotinas de escalada em rocha, aperfeiçoando minhas técnicas de artificial e alternando com malhos na academia.

Os destinos foram traçados para junho, e as nossas perspectivas eram de seguir com todo equipo necessário para abrir uma nova via de escalada no Suri-Tondo, a mais larga montanha do complexo de Main de Fatma. Achei muito estranho o Eliseu passar uma lista de alimentos que permitiam abastecer a nós e mais um grupo de escaladores, mas nem me constrangi, pois fui alertado que por lá comida seria nossa melhor moeda.

Um mês antes da saída prevista fiz uma avaliação do benefício de aumentar em mais um escalador na nossa dupla, e por minha sugestão convidamos Gustavo Piancastelli para a empreitada. O Gustavo e eu já havíamos escalado alguns big-walls em situações muito desgastantes como a Pedra Baiana, ES e outras vias menores em Jacinto, MG e o Pico do Machadão em áreas desérticas no Ceará. A data acertada para saída ficou para 04 de junho e retorno previsto para 22, contabilizando 18 dias para chegar, conquistar e recolher o que pudéssemos trazer para solo.

O Gustavo veio um dia antes a São Paulo e naquela noite eu e ele tivemos nossa primeira conversa pessoalmente sobre os detalhes do pico e do país. Expliquei a ele que o Eliseu conhecia bem nosso destino, rocha e dificuldades e caberia a ele a responsabilidade técnica do grupo.

Seguimos via aérea para Paris e após 22 horas voando desembarcamos em Mali. Já neste momento o escalador terá seu primeiro choque com o mundo novo que enfrentará: uns cem número de negros virão brigar pela sua bagagem, ou mesmo, te indicar um "táxi oficial" que mais parece aqueles Fords V-6 saídos dos desmanches da Venezuela.

Por sorte consegui um interprete inglês, pois nem sequer a língua que falam nós entendíamos.

Depois de alguns dias ouvindo Bambara e vários dialetos das outras etnias Peul, Songai e Touareg você começa a achar que falar francês é desnecessário, pois a turma de lá se esqueceu até do jeito da língua-mãe.

Nosso primeiro dia em Bamako foi exemplar: beber água só filtrada na hora e comer somente o que levamos para escalada. Fui entendendo que a melhor maneira de se manter sadio por lá é seguir estes mandamentos básicos.

Procuramos pelo Ministério da Segurança, local onde deixamos nossos passaportes para receberem os vistos de 30 dias e partimos então para um reconhecimento do caos da capital maliense. O transito é tocado a base das buzinas e o maior comércio é das espirais que afastam as nuvens de pernilongos que vem do rio Niger, que mais parece um fluído denso esverdeado sem correnteza nesta época do ano.

Nas ruas se vende de tudo, em tendas ou em barracos construídos com barro, madeira e lata.

Tudo é caro em se tratando de produtos para quem chega como visitante e você constantemente tem que brigar pelos preços pois senão vai ser tungado seriamente. Aprendemos isso a duras penas, mas creio que com o estilo brasileiro de se camalear, chegamos ao final da viagem e levando muito nativo no bico.

Rumo ao Sahel

Visto acertado passamos a carregar os pesados bags (6 deles com quase 40 Kilos) para cima do ônibus que faria o percurso Bamako – Hombori. Fugir da rodoviária local foi um alívio, pois ali começa o contato com os locais, seus costumes ancestrais de pedir por tudo e sua total deseducação com qualquer dos básicos mandamentos de higiene.

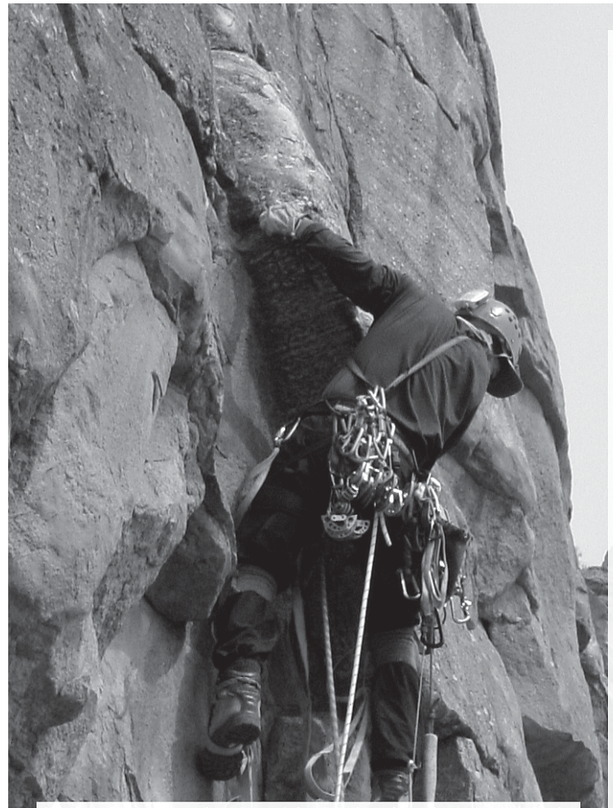
Bom, não sei porque o sentimento de alívio passou rápido, pois viajar quase 1000Km em um ônibus sem ventilação e ar, abarrotado de tudo e parando a cada 50Km para dar propina pros guardas, trouxe a imagem de um outro mundo pior pra gente.

O ônibus quebrou mais de 5 vezes, mas após quase 30 horas desembarcamos a noite em Hombori nosso ponto de partida para as montanhas.A imagem mais alucinante da viagem é a chegada à região de Hombori, pois numa atmosfera nevoenta, seja de partícula de areia em suspensão ou de um esfumaçado que cerca o horizonte, fomos chegando com o pôr do sol e vendo as incontáveis agulhas e vastas paredes de quartzito amarelado. O entra e sai de figuras que pareciam emergir dos contos de mil e uma noites não importunava mais.

A sociedade do Mali é poligâmica e a mulher tem pouco reconhecimento. Fiquei sabendo depois através de missionários protestantes que até 2005 a maior causa de mortes de bebês estava atrelada a morte de mães em partos tipo cesária, já que o governo cobrava cerca de 40000 CFA (60 Euros) por nascimento e muitos maridos não pagavam.

Chegamos numa região onde o conflito entre dois povos dominantes, os Bambaras ao sul e os Touaregs ao norte, era resolvido na base da espada até 2005. Foi somente em 2006 que a rebelião Touareg tomou vulto com as armas que o presidente líbio entregou de forma escondida, fruto da comemoração de seu nascimento que se deu no deserto mailene a cidade de Timbuktou.

Fernando Leal



Conselho amigo: Nunca fotografe um Touareg de frente pois duas coisas podem acontecer: ou ele vai te extorquir uma grana ou vai te espetar com a espada.

A pousada de Monsieur Koli era uma paraíso. A água que vinha em bombonas no lombo de burros do único poço da aldeia de Hombori (10000 habitantes) já chegava à 60ºC para um bom banho ou para matar a sede diária de quase 6 litros por homem.

Tomar aquela água salobra no começo foi uma tortura, mas no final já estava até acostumado.....

Após três dias viajando por ar e por terra finalmente pudemos partir para o complexo de Main de Fatma, para um reconhecimento dos picos e definição da via. A idéia era dar uma volta no Suri-Tondo e tentar achar um caminho fácil e ao mesmo tempo longo para o cume. O role foi para aclimatar: sol de arrebentar e calor de 53ºC, até a rapadura dura cearense amolecia naquele inferno.

Rota decidida: fincar a bandeira brasileira no pico do esporão lateral direito de um dos cumes do Suri-Tondo, o Hendo-Tondo. Avaliação geral da equipe foi por cerca de 500 metros de via inicialmente em 5º/6º grau e posteriormente partindo para 7º/8º grau com passagens difíceis por dois tetos. O Gustavo teimava que tínhamos que entrar por uma canaleta entre dois picos e com isto em mente não se satisfez com a proposta no Hendo-Tondo. Sua opção era uma via difícil pois a rocha estava como que encaixada em blocos e vários "fuscas quadrados" iriam rolar montanha abaixo vindo da canaleta. Soube depois que ele tinha se comprometido com algumas empresas mineiras em cumprir aquela missão suicida.

O Eliseu instruiu a mim e ao Gustavo para não nos distanciarmos entre si, pois o risco de acidentes, como o simples fato de se perder com água racionada era grande. O Gustavo não ouvia e seguia suas próprias conjecturas.

O dia foi duro pois rodeamos todo o complexo por cerca de 15Km pulando de bloco em bloco como cabritos, que aliás são os únicos animais sobreviventes naquelas paragens.

Antes de fechar o dia passamos pela aldeia de Garmi na base do Kaga-Tondo para negociar nossa estadia com o chefe tribal Gouru Abdouhl. A imagem da aldeia remete a gente às cenas dos acampamentos dos druídas nas encostas dos morros nos tempos das tribos gauleses.

Voltamos para Hombori para preparar as armas para batalha (equipos), e começamos a separar o rango e encher as garrafas PET com água,que trouxemos vazias do Brasil. A noite foi especial pois dormíamos fora do quarto, mas sem saber fomos surpreendidos pela madrugada por um vento quente infernal que levava tanta areia que até no quarto trancado ficamos cobertos de terra. Tava apresentado o inimigo: o Harmatan, a terrível tempestade de areia.

Partimos para Daari, um acampamento na base de Main de Fatma, bem cedo e começamos a transportar os equipos e a água à razão de 6 litros/dia/pessoa. Nossa estimativa era de 5 dias de escalada e tínhamos que percorrer quase 2 horas de caminhada subindo um rampão de 200 metros de desnível por blocos de pedras rolados. Parte da água deixamos em Daari e seria transportada por um porter que vivia como guarda do acampamento...

Sol e tempestades de areia

A caminhada no sol do dia anterior me deu insolação e por isso avisei via rádio que iria me atrasar na subida, liberando o Gustavo e Eliseu para início da escalada. Ao chegar no local vi que o Gustavo havia rapidamente feito a progressão de um trecho de quase 70m em 5º grau por um conjunto de fendas perfeitas. Observei também que o clima entre eles não estava bom pois o Eliseu havia feito várias recomendações para facilitar o transporte de cordas e parte do equipo para cima e o Gustavo fez tudo ao contrário, deixando inclusive uma base móvel sem equalização na última parada.

A face escolhida tomava sol o dia todo e nem duvidem que não dava para manter as mãos sobre a rocha por mais que alguns segundos sem queimar a pele.

O sol já ia indo e decidimos por dormir ao lado da base ao pé de uma torre de pedras encaixadas. Comida quente nem pensar, pois nossa decisão era de usar toda água disponível para beber.

O planejamento do dia seguinte estava feito: tínhamos água só para até metade do dia e caso não recebêssemos novo suprimento iríamos descer até o acampamento para reabastecer as energias, visto que o Eliseu e o Gustavo começavam a mostrar sinais de terem contraído uma forte gripe africana (Gripe do Busão) que fazia com que saísse até sangue pelo nariz e nas secreções bucais.

Conversando com o Eliseu chegamos a conclusão que eu iria subir refazendo as bases que o Gustavo deixou sem fixação e depois partiríamos para o trecho mais difícil da via, que conforme avaliamos podia chegar a 8º grau. Decidimos por dar o sangue até a última gota de água.

Passados alguns momentos uma surpresa agradável, nosso porter e outro amigo decidiram por subir a montanha no frescor do entardecer e chegaram com preciosos 30 litros de água e mais alimentos. Resolvida a parada íamos seguir escalando até quando a gripe permitisse.

Não entendíamos a língua deles mas achei que a agitação e a pressa dos sherpas em deixar a carga e voltar voando era por conta da escuridão que chegava.

Doce engano! Tudo arrumado pro sono até quando o Eliseu levanta para dar uma tossida e grita "vem ai o harmatan!". Não demorou 5 minutos e tava tudo amarelo e realmente o vento era violento levando tudo que podia e mandando pedras lá do cume para baixo. Respirar era um suplício e foi assim por quase 4 horas de areia, trovões e relâmpagos até que da mesma forma que chegou se foi sem aviso. Dizem que estes ventos se formam em Gao, a quase 250Km dali, local onde a temperatura chega a 60ºC e de onde sopra forte pros lados da fria Hombori de 50ºC. Que Inferno!

Novo dia raiando vamos pro ataque e conforme combinado jumareio até a 1º base e vejo que o Gustavo deixara a 2º corda sem fixação na base, e o harmatan a tinha empurrado pra longe da linha prendendo-a numa fenda. Gritaria lá de baixo, é o Gustavo reclamando. Sem avisar ele toma a primeira corda que vê (a que eu estava) e sobe jumareando. Quase saio voando pois tinha andado quase 10 metros pelo platô na segurança desta corda, tentando desenroscar a corda de cima. O Gustavo não nos ouve e segue enfiada acima me pedindo uma nova segurança.

Pedra !

Na verdade o Eliseu e eu já tinhamos conversado na manhã sobre as ações impensadas do Gustavo que se continuasse dessa forma, poderiam custar uma vida ou mesmo nossas vidas. Decidi conversar com o Gustavo na 2º base e pedi para ele me aguardar para subir.

Em seguida a meu pedido, uma corda começou a descer a parede e ele me respondeu que precisava da mochila que continha uma câmera que recebera em consignação para filmagens da viagem, rádio, água e que havia deixado sem clipar no platô da base. Veio descendo pela corda apesar do meu protesto (e gritos de advertência do Eliseu) quando eu já estava no meio do caminho (digo, da corda). Foi então que vi a imagem mais terrificante: o Gustavo pisou num bloco de uns 300kg e ele se soltou vindo em minha direção voando. Uma lasca atinge meu braço abrindo um corte profundo, enquanto que o bloco passa raspando a calça e a perna, mais um anjo da guarda de escalador é atingido. Olho pra baixo atrás do Eliseu e vejo que ele buscou abrigo na barriga que a rocha fazia acima 1º parada e o bloco passa a 1,5metro dele, outro anjo da guarda pro saco!

Final de escalada pra mim. O Eliseu não se contém na raiva contra a atitude estúpida do Gustavo, que vinha agindo de forma egoísta. O Gustavo desce sentido, mas o pacto entre escaladores estava desfeito e não seria neste dia que aquela nova rota na magnífica parede do Hendo-Tongo seria terminada. O Gustavo fica na reserva pelo resto da viagem, pois não queria voltar sozinho sem algumas imagens pra uma festa.

Novos objetivos

Voltamos para Hombori para recuperar do susto, e esperar o que ia acontecer com meu braço, pois o hospital mais próximo estava em Bamako. Eu havia levado material para sutura, mas somente eu sabia costurar e logo o braço direito foi acidentado. Minha sorte foi ter tomado reforço da antitetânica pensei!

O Eliseu piorou muito da gripe do buzão que quase virou pneumonia calórica. A tosse dele assustava até os nossos persistentes perseguidores caçadores de presentes. Fomos então conhecer a feira de domingo, dia em que gente de todos os cantos próximos vem trocar mercadorias, cabras, camelos, etc. Fomos para feira e só deu pra trazer manga já que o restante a gente não sabia nem pra que servia.

Após dois dias de molho na pousada bebendo água quente e comendo bem vou melhorando a potência e o braço desincha um pouco.

O Eliseu também melhora da febre e resolvemos fazer valer nosso esforço em chegar ao fim do mundo civilizado mandando ver na via ***Panic et Birra*** **no Wanderdu, rota 6º grau Vlla conquista francesa de 2005 com 5 enfiadas num calor infernal. Com meu braço ainda meio mal, o Eliseu tomou a ponta da corda e conseguimos fazer a primeira ascensão brasileira e única no verão daquele pico. O calor matava a gente de sede, mas começamos a nos adaptar melhor ao clima além de nos hidratarmos com soro nas horas mais quentes do dia.**

As mangas africanas eram um quitute à parte e as melhores refeições que fazíamos.

Mais um dia de descanso e vendo que a potência no braço voltara, decidimos ficar mais uns dias e deixar pelo menos um pequeno sinal de nossa passagem pela África. Assim, eu e Eliseu partimos para conquistar uma variante no Wanderdu. A primeira enfiada eu guiei em artificial pois a saída do solo era sinistra e em seguida a passagem por um teto não dava chance para se manter escalando em livre sem qualquer proteção. Esta via sai pela face leste do Wanderdu ao lado de uma grande canaleta.

O calor da rocha após 10 horas é tão grande que mesmo com o corpo hidratado as cãibras são grandes e o maior sofrimento são nos dedos que não se abrem de dor. O Eliseu entrou pra finalizar o trecho de fendas escalando em livre e fugindo dos blocos soltos fechando 60 metros na segunda rota brasileira na África que melhor não poderia se chamar: "Filhos do Sol" 6º Vlla encontrando então a via espanhola "Horácio" e daí chegando ao cume do Wanderdu.

Nestes dias de escalada rápida voltávamos para o acampamento em Daari e dormíamos nas ocas de sapé que não estivessem infestadas por grandes formigas africanas. Foi muito bom ver alguns chuviscos numa TV branco-preto alimentada por bateria solar e imaginar os avanços dos nossos jogadores na copa.

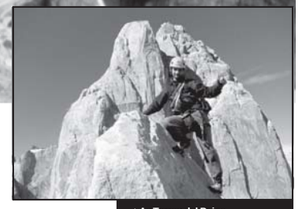
No dia seguinte da nossa conquista o tempo já mostrava mudanças pois o harmattan soprava no final do dia, mas não durava horas e logo após seu enfraquecimento esparsas gotas de chuva caíam. Escalar longas vias nestas condições era suicídio, pois os blocos soltos em volta das montanhas são provenientes destes períodos chuvosos e decidimos por atacar uma série de boulders próximos de Daari. Voltamos pra Hombori e não agüentamos ao saber de falésias próximas da vila. Repetimos várias vias de escaladores espanhóis em quartzito que parece vidro de tão polido pelo vento e água. Não iríamos embora sem deixar a marca brazuca e nasceu uma via esportiva brasileira "Filhos da África" 7b.

Nosso último dia em Hombori foi dedicado às compras de souvenirs, ou melhor, ao escambo, pois lá tinham mais valor nossos pertences e a comida que sobrou já que o dinheiro não veste nem alimenta os seres que habitam aquelas paragens.

Na volta pro lar ainda rolou a tortura da viagem no buzão dos loucos e uma noite e um dia inteiro mofando no aeroporto de Bamako, esperando pelas delícias da cozinha e da adega francesa do vôo da Air France. Ai que saudades de casa!

Agradeço a Deus por estar vivo depois do acidente e ao amigo que guiou tão bem esta empreitada aos tempos imemoriais da raça humana: Eliseu Frechou. Meus agradecimentos a diretoria da Prana Petroquímica que suportou financeiramente a nossa empreitada.

Eliseu Frechou



As Torres del Paine.
Flávio no cume da Torre Norte.

FLÁVIO DAFLON | RJ

A cadeia dos Paines fica na Patagônia chilena, seus bosques, lagos e paredes são famosos assim como o clima, horroroso. Demos sorte e já no quarto dia dentro do Parque, dois deles transportando equipamento e comida, o tempo melhorou. Eu e Jörg, amigo escalador alemão com quem já havia feito algumas vias, acordamos às 2:15hs da manhã e às 3 horas já estávamos subindo em direção ao Vale do Silêncio. Caminhamos pela morena e pegamos a longa e pedregosa subida até a base da Torre Norte. Organizamos o equipo e começamos a escalar às 7 horas.

De início a via passa por uma aresta para depois seguir num corredor até o colo entre a Norte e a Central, o Col Bitch. Este primeiro trecho tem quase 300m, mas a dificuldade não passa de um terceiro grau nosso, lembrando um pouco o trecho de escalada do Costão do Pão de Açúcar.

Colocamos todo o nosso equipamento, menos a corda, ela ia na mochila. O trecho parecia fácil e queríamos passar por ali rápido. O corredor é um trecho perigoso porque está espremido entre as duas torres. O que cai delas desce por ali. Numa avalanche vinda da Central em 98, dois bascos morreram na entrada do corredor.

Escalávamos atentos, pois há muita pedra solta, e às vezes nos desviávamos de um ou outro trecho com neve e gelo. Subíamos com sapatilhas de escalada, porque um casal americano que escalara a via nos dias anteriores nos tinha dito que havia pouco gelo. Mas se este mesmo trecho fosse tentado depois de alguns dias de chuva e neve, provavelmente seriam necessários bota dupla e crampons.

Em 45 minutos chegamos ao Col Bitch e às 8hs já estávamos encordados para fazer as duas enfiadas mais difíceis da via, 5.9 e 5.10. Depois foram mais 6 enfiadas sem muita dificuldade até o cume, onde chegamos às 10:30hs. Estava um dia lindo, sem vento e ficamos cerca de uma hora lá em cima.

A descida é sempre longa e cansativa e depois de 15 horas, estávamos de volta ao acampamento japonês, onde deixamos a Cíntia.

Nos dias seguintes ficamos esperando uma nova chance para escalar. O tempo variava de forma extremamente rápida, de sol a chuva, neve, vento, às vezes tudo no mesmo dia. Foram 17 dias de espera e algumas tentativas, porém nenhum dia bom. Haja paciência! Mas essa é a Patagônia. Para a Torre Central também acordamos às 2hs da manhã, ou melhor, nem dormimos. Não dá pra dormir! Escurece depois das 10hs, você tá cansado, ansioso e qualquer vento fora da barraca te põe em alerta. Havíamos desistido de bivacar mais próximo da parede, estávamos saindo direto do japonês, teríamos um dia longo. Nosso equipo todo estava na base e subimos rápido. Às 7hs, já escalávamos em direção ao corredor, novamente com as cordas na mochila. Desta vez um trecho nos deu mais trabalho, estava molhado e com gelo e com a temperatura de -2ºC, era difícil aquecer os dedos.

Às oito horas entramos na primeira enfiada vertical da via, que é basicamente uma escalada em livre (VI), com algumas enfiadas de artificial móvel, e claro, bastante longa. Perdemos tempo com algumas fissuras que estavam fechadas com neve e gelo. Às vezes só era possível colocar um móvel, depois de quebrar um pouco de gelo. Depois de quinze enfiadas (sem contar o corredor) chegamos ao final da via, mas não ao cume. O norte-americano Steve Schneider, que conhece bem essas Torres, nos disse que saberíamos estar no cume verdadeiro da Torre Central, somente quando avistássemos a Torre Sul, e que do final da via até o cume dava trabalho. Realmente, foram duas enfiadas de 60 e 50m, a maior parte em travessia, neve e rocha. Chegamos ao topo às 20hs, junto com os quatro belgas que fizeram a terceira repetição da mítica *Riders on the Storm*.

Susto

Na comemoração conseguimos relaxar, mas não por muito tempo. Nossas barracas estavam a 550m de altitude e nós a 2550m. Tínhamos muito para descer, estava tarde, o céu não estava mais azul e o vento recomeçara. E como eram em travessia as duas últimas enfiadas, tivemos que escalar e desescalar de volta. Fizemos a maior parte dos rapéis à noite, com um vento chato. O maior susto que tivemos foi quando fizemos o maior rapel da descida num trecho negativo da via. Foram quase 60m e quando puxamos a corda, o nó deve ter prendido em algum lugar, nenhuma das pontas corria, mesmo nos pendurando na corda. Estávamos bem cansados, já era a segunda noite sem dormir, os pensamentos já se embaralhavam na cabeça. Pensamos, mas nem comentamos um com o outro, tentando apagar a idéia de subir de prussik, isso sim seria uma provação!

Numa última tentativa balancei várias vezes a corda e quando puxamos ela veio. Que alívio! No resto demos sorte, todas as vezes que a corda agarrava acabava soltando. Também porque fizemos muitos rapéis curtos de 30m, onde a chance da corda prender é menor e se prender você escala menos.

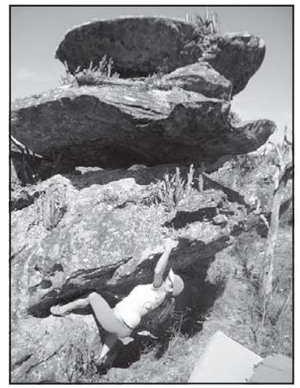
Com exceção de duas, todas as paradas e pontos de rapel são em pitons ou com fitas em blocos. Numa delas, que não sentimos muita confiança, abandonamos um nut. Ao todo foram cinco horas e meia de rapel e mais uma descida interminável até a barraca. Cansado ouvia vozes e por algumas vezes tinha uma nítida impressão que caminhava entre árvores, quando na verdade só tinha pedras ao redor. Chegamos lá as 5:30hs da manhã, 26 horas e meia depois de termos saído. Uma hora depois estava chovendo forte e ficou assim até tarde. Ficamos 36 dias no Parque e não vimos uma janela de tempo bom maior que 40 horas.

Uma boa estratégia e preparo físico são fundamentais para aproveitar qualquer chance de escalada. Antes de voltarmos para casa, já estávamos pensando no próximo ano na Patagônia!

www.mountainvoices.com.br

Os Bordis das Perdizes

Mais um grande e inexplorado point de escalada de boulder se revela no sul de Minas Gerais.



ORLANDO MOHALLEM | MG

Como assim? Chapada no sul de Minas? Isto mesmo, mais montanhas a vista! ... Com pouco mais de quatro anos, um grupo de montanhistas se encantou com o altiplano situado próximo as cidades de Minduri e Carrancas no sul das Minas Gerais. Rogério Cabral, Bruno Dias (Raio), Nilo Baracho e Everton Teodoro (Tutú) percorreram em 2001 todos os cantos possíveis desta serra batizada pelos moradores locais de Chapada das Perdizes. Em busca das formações alucinantes dos milhares de blocos de quartzito existentes, eles descobriram inúmeras possibilidades de transformar aquela serra em um dos melhores points de boulder do Brasil.

No início de setembro de 2004, logo após II Festival de Montanha do Sul de Minas, fiz uma trip pra Chapada junto com a galera do CMI (Clube Montês Itajubense) apetitada pela última edição da inesquecível revista Universo Vertical. Através das informações contidas na reportagem, fomos identificando cada setor deste vasto campo de altitude. Ao chegarmos em cima da montanha, avistamos de cara a Ponta Sul local ainda inexplorado por escaladores, onde passamos ao lado e tocamos em frente pela estrada principal. Logo depois, avistamos a Ponta Leste, o Setor Central e um pouco a sudoeste o Complexo das Broas. Na Chapada, não há nenhuma entidade que organize ou determine regras para o uso consciente de toda a serra, ali existem vários proprietários que fazem apenas o uso da pobre pastagem, mas até este momento, todos foram muito receptivos ao turismo e fazem questão de ver muita gente lá em cima.

Escolhemos o Setor Central para montar nossa primeira área de camping. Neste dia, exploramos os blocos mais evidentes da área, como o Bordi da Revista que possui no mínimo quatro problemas interessantes, desde um estranho V1 até o *Esquisito* V4 (até então projeto), bem ao lado, nasceu também à esquerda, o *Paiero* V0 e em um bloco à direita o *Alô* V2. Neste mesmo setor, há também um desafiador high ball já aberto antes pelo Marcel de Caxambu, o *Jacaré* V2 com mais ou menos 6 metros.

Caindo a tarde, fomos dar um rolê para acharmos água, descemos sentido sul, e bem próximo encontramos um poção bem limpo onde logo caímos "pá" dentro, aliviando assim toda sensação de calor e melaço do sal impregnado no corpo. Voltamos para o camping e rapidamente nos reunimos no topo de uma grande pedra, onde ali assistíamos os rápidos minutos do colorido e inesquecível pôr do sol da Chapada.

Acordamos no outro dia bem cedo e de cara avistamos um grande lobo guará bem próximo as nossas barracas, que louco! Aproveitamos então para desmontar o acampamento e sair bem cedo para conhecer a famosa Ponta Leste, pois sabíamos que lá estava escondido o famoso Portal de Pedra. No caminho avistamos a Cachoeira dos Macacos e paramos em um bloco que nos chamou bastante atenção, o *Chapados e Perdidos*, ali o Reinis com o Sandrone abriram um V5 e também uma travessia que deve se aproximar de um V2. Seguimos um pouco mais a frente e chegamos no maciço da Ponta, começamos a entrar em vários corredores de pedra com estilos arquitetônicos diferentes um dos outros, cada olhar se transformava em uma nova vontade de escalar ou de pelo menos tentar. De repente surge a nossa frente o famoso Portal de Pedra, que loucura! Mas num piscar de olhos ele desaparece... Ué? Não entendi! Mas pra entender tem que estar lá!

No arco direito o Jonas abriu um V1 bem alto e no arco esquerdo, um pouco maior, o Gustavo Silvano abriu a única via do local (creio eu) a *Obra Surreal* usando quatro friends e protegendo em um P o crux. Um bico de pedra garante a proteção depois do P que está a mais ou menos sete metros do chão. Enquanto ficávamos por ali, o Maçã e o Reinis desceram um pouco mais a encosta do vale e encontraram uma série de tetos alucinantes, todos com uma solidez diferente do Setor Central, com agarras mais confiáveis e bem firmes. Lá foram abertas as linhas mais bonitas de bordi como a já famosa *Dedos Famintos*, um extenso V2 em teto, com agarras boas e perfeitas. Ali também começou a nascer um projeto bem interessante do Reinis, o *Coco do Guará*. Descemos mais um pouco a montanha e não achamos mais nada, resolvemos voltar por um caminho diferente e logo topamos com um bloco já escalado antes pelo amigo Márcio Bortolusso onde lembramos de uma propaganda na qual ele tentava exatamente dominar aquele bloco. Subiamos mais um pouco e parávamos, depois puxava o chash pra traz e tentava aquele outro, e assim foi o dia inteiro. Caiu a noite, o frio e a tristeza de saber que no outro dia estaríamos voltando para Itajubá. Pena que o feriado de 7 de setembro foi pouco para tantas oportunidades de curtir a escalada em boulder.

Mas sabíamos que um dia estaríamos voltando para tentar mandar de novo os projetos e quem sabe descobrir um novo setor de bordi tão alucinante quanto os que chegamos a conhecer.

Depois de dois anos, no feriado de Tiradentes, juntamos a galera do CMI de novo e partimos pra chapada na komboza da Triboo! Chegando lá fomos direto para a Ponta Leste, pois sabíamos que ali estava escondido o "filé da chapada". Fomos entrando e logo topamos com uma porteira que dizia: - "Esta é uma propriedade particular, está sob proteção ambiental e em fase de reflorestamento nativo para a recuperação de suas nascentes, fauna e flora. As visitas estão temporariamente proibidas. Por favor não insista. Obrigado pela colaboração. Gênesis – Consciência e Saúde". Resolvemos dar uma insistida para pelo menos conhecer o proprietário e nos apresentar, quem sabe ele nos deixaria acampar por ali. Após a porteira, passamos o boulder que foi capa da revista da Universo Vertical, depois bem a frente encontramos o bloco da *Chapados e Perdidos* ainda intocado, em seguida avistamos uma enorme estrutura escorada a um grande maciço de quartzito no qual o Tiago Ferrer já havia escalado. Rapidamente sai desta suposta casa de veraneio o Sr. Edgar, pessoa que no momento não foi nada hospitaleira, e que já gritando foi nos dizendo que toda Ponta Leste era dele e que não queria saber de ninguém entrando naquela propriedade. Na mesma hora tentei me apresentar e disse que há dois anos atrás já havíamos frequentado e escalado bastante no que hoje se transformou em propriedade particular. Ele (o dono) disse que agora o Ibama estaria transformando todo aquele local em uma área para soltura de animais silvestres e que teríamos que ir embora. Tudo bem, a Chapada ainda é bem grande e o que estávamos realmente querendo era apenas ficar na paz e escalar um pouquinho. Mas mesmo assim, acho válido conhecer a Ponta Leste, pra quem quiser dar uma ligada para o Sr. Edgar e trocar uma idéia o telefone é (11) 5687.9677 ou 11 9933 5466.

Descobertas infinitas

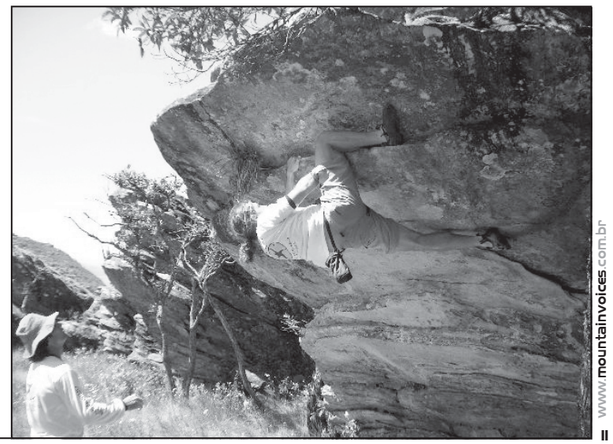
Depois de darmos meia volta, fomos aproveitar o final do dia nos boulders do Setor Central. Resolvemos então explorar melhor aquele pico, pois no momento era a única opção que tínhamos para divertir e passar a noite. Chegamos lá, já montamos nossas barracas em um local mais protegido e fomos fazer um novo reconhecimento da área. Logo encontramos um corredor forrado de blocos médios com boas agarras e sombra. Rapidamente corremos para pegar as sapatas, o pó e os "crashs". Ali encontramos vários lances irados, citando alguns deles, podemos falar da travessia do *El Bote* V2 e dos movimentos cruzados do *Vê Pá Crê* também V2. Com o dia já acabando, voltamos ao camping para fazer um rango e sacar o famoso pôr do sol. Acordamos no outro dia bem cedo com os berros do Pexada, e antes das 9:00hs da manhã todos já estavam com as mãos esfoladas e bem cansadas de tantas tentativas de escalar os boulders do corredor que foi carinhosamente batizado de Corredor Gênesis. Depois de abrir o *Shitashi* V1 o Jairo começou a pilhar todo mundo para entrar, pois é um bordi um pouco alto e negativo mas que possui agarras grandes e sólidas, isso fez com que todos entrassem em fila, primeiro foi Tadashi, depois o Pexada, o Juliano, o Flavinho, a Ana, o Bruno ... Bem próximo a galera, o Juliano começou a trabalhar o *Edgar* V3, este bordi começa em dois regletes pequenos para depois pegar um pouco longe uma agarra boa para assim estabilizar erguendo a mão em um abaulado, dominando-o depois de estabilizar os pés. Após sentir os dedos bem estragados, fomos até a cabeceira da cachoeira dos Macacos, um visu maravilhoso para uma queda de 30 metros, ali achamos uma parada em P´s provavelmente batida pelo Rogério e o Bruno para descer a bela cachu. Tomamos um banho e fomos sacar um projeto que o Reinis havia iniciado na primeira visita a Chapada. Chegamos no Bordi da Revista e estacionamos os chashs nele até o fim do dia, uns ficaram lendo um bom livro, outros meditando na caverna. Ali saiu um problema novo bem legal, o *Empadim* V2 e com pouca dificuldade o Reinis consegue mandar aquele projeto de dois anos atrás, o *Shibaba* V4. O interessante foi que só depois fomos perceber que não preocupamos em graduar ou comparar as escaladas feitas, nem mesmo nomes chegamos a dar para todas as linhas que escalamos ou que tentamos, conseguimos lembrar das graduações e dar nomes aos bordis apenas quando chegamos em Itajubá.

A chapada é um lugar mágico, lotado de oportunidades de diversão, contemplação e descanso. Toda beleza é singular, a geografia é diferente de todo o resto do Sul de Minas. Além da cidade de Minduri, ela fica bem próxima à cidade de Carrancas, a mais ou menos 1 hora deste município que agrega o circuito da Estrada Real e que possui as mais belas cachoeiras do Brasil. Para quem gosta de pedalar, vale a pena levar uma "magrela" pois lá existem vários caminhos ideais para um rolê.

Quem quiser conhecer a Chapada ainda está fácil, vindo de São Paulo, basta pegar a Dutra entrando em Engenheiro Passos (caminho para o Planalto do Itatiaia) onde com 70km você chegará a cidade de Caxambu, de lá você pegará um trevo sentido a Aiuruoca/Juiz de Fora onde andará uns 13km até um trevo que terá que entrar a esquerda sentido São João Del Rei, depois de 10km você passará por dentro da cidade de Cruzília e com mais 44km você chegará Minduri. Antes de entrar na cidade, há um trevo no qual você pegará a esquerda em uma estrada de terra e irá virar a segunda estrada a direita, cruzando a linha de trem, depois virando a direita de novo atrás da estação de tratamento de água da Copasa. Dali, é só tocar pra cima mantendo sempre a direita. Qualquer informação que você pedir aos moradores locais, você primeiramente receberá um baita sorriso e será muito bem ajudado.

Fica aí uma opção para quem quer conhecer um local fantástico para escalar bastante e curtir uma magnífica montanha.

Gostaria de deixar aqui meus agradecimentos pelo eterno companheirismo dos amigos Jonatas (Pexada), da Josi, do Daniel, do Juliano, do Jairo, do Bruno, do Bruno (Bahia), do Reinis, da Ana Paula, do Tadashi, da Luane, do Flavinho, da Titi (Chrystiani), da Giseli e principalmente da irmã do Daniel que mora lá em Minduri, a Carla com o seu marido Rômulo, que nos receberam com uma típica hospitalidade mineira, servindo um delicioso suco de limão com várias empadinhas de frango.

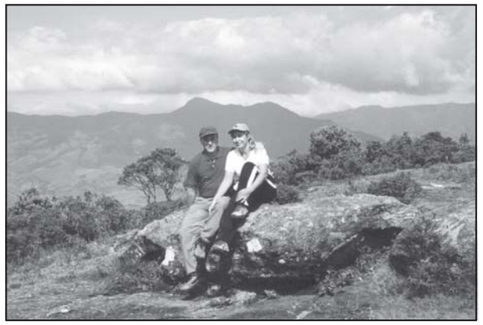


www.mountainvoices.com.br

Pico do Papagaio

Confira a seguir o relato sobre uma das mais belas montanhas brasileiras, uma imensa parede rochosa que arremata uma serra repleta de atrações, situada na bucólica paisagem do sul de Minas.
Este é mais um artigo da série de reportagens que iniciei anos atrás, sobre pedras de acesso relativamente fácil, cuja subida é feita sem dificuldades técnicas.

Alberto Ortenblad | SP



Localização

O Pico do Papagaio fica a sul de Aiuruoca, um povoado localizado perto de Caxambu. Aiuruoca dista pouco mais de 300 km do Rio e de 400 km de Belo Horizonte e São Paulo, sempre por asfalto. Se você vier desta última cidade, poderá trafegar pela Dutra ou pela Fernão Dias.
Aiuruoca significa casa ou pouso (oca) dos papagaios (ajuru), mas as aves mais freqüentes são realmente os tucanos. Esta é uma cidade pequena, com pouco mais de 7 mil habitantes, situada numa região muito interessante. Além de esplêndidas montanhas, você verá belas cachoeiras e vales pitorescos.
Aiuruoca foi fundada no início do século XVIII, por um bandeirante vindo de Taubaté, durante o ciclo da mineração. A cidade mais antiga da região, infelizmente desfigurada, é Itamonte, que é dos tempos de Martim Afonso, dois séculos antes. No século XIX Saint Hilaire passou por Aiuruoca, na sua célebre viagem pelo interior do Brasil.
Tenho uma antiga relação com o Pico do Papagaio. Por muitas vezes, olhei à distância, do platô de Itatiaia, seu impressionante perfil, com o vulto maciço do Pico do Garrafão ao seu lado. Além disso, percorri em diversas ocasiões o vale e o curso inicial do Rio Aiuruoca, em longas e felizes caminhadas no Parque Nacional de Itatiaia. Um dia, numa viagem, conheci a vila de Aiuruoca e tornei-me amigo de um dos pioneiros exploradores da região.

Os Acessos

Mais tarde, fiz com ele o Pico, porém por uma trilha hoje impedida pelo IBAMA. O acesso era pelo alto, de maneira que nossa caminhada foi pela crista da serra, que percorremos parcialmente. Estimo que a serra toda tenha aproximadamente 12 km.
É ainda possível fazer em parte esta trilha, a partir do Refúgio do Lado de Lá, aonde você só poderá chegar num veículo com tração 4x4. Este é um local impressionante, inteiramente construído em pedras da região, na borda de um platô e ao lado de um cânion. Num próximo artigo, voltarei a falar deste local.
Afora este, existem dois outros acessos para o Pico. O do Vale do Matutu parte de um criatório de trutas e é aparentemente mais curto e íngreme, pois sobe próximo à base da pedra, com uma ascensão de talvez 900 metros. A trilha que percorri é chamada de Serrinha e parece ser a mais praticada, com um desnível de 800 metros. Existe também a possibilidade de escalar a big wall do Papagaio, que é chamada de Face Norte. Ela mede 430 metros e seu grau é VII-a. Na Face Sul, há uma via de 250 metros, graduada como VI-sup.

A Trilha

Você deve deixar o asfalto de saída da vila após 4 km, seguindo as indicações numa estradinha de terra por cerca de 5 km. Ela termina onde há uma placa indicando 9 km até o Pico. Entretanto, se seu veículo comportar, você pode tentar a rampa á sua direita por 2 km, o que irá lhe poupar quase uma hora de caminhada. A trilha prossegue exatamente a partir do antigo estacionamento, que ficava no fim desta rampa.
A trilha do Papagaio é complexa, por atravessar diferentes paisagens. Começa num rumo vagamente oeste, na íngreme encosta arenosa do primeiro morro. Prossegue rumo sul por uma caatinga de candeias. Você percorrerá então uma interessante espinha de conexão com o corpo da montanha, ao longo da Mata do Fogão.
Cerca de 2 ½ horas após a partida, você chegará a um surpreendente campo arbustivo, repleto de poejos e carquejas. A paisagem é magnífica, com vistas dos campos baixos além e da Pedra do Santuário atrás. Próximo a você, estarão duas pedras, chamadas de Quadrada e Redonda. Nesta última, pratica-se rappel, é uma parede de 47 metros.
A partir de agora, seu percurso será de crista, percorrendo curtos campos e longas matas por cerca de 1 ½ horas. A partir de uma laje com uma bela vista, é preciso contornar a parede do pico num rumo norte, até seu cume. Você estará a prováveis 2.100 m (a altitude do mapa do IBGE de 1.975 m parece ser equivocada).
O panorama do pico é muito interessante, com o perfil da Serra Fina a sudoeste, a cidade de onde você saiu a norte e os verdes vales a sul. Você verá inúmeras montanhas interessantes, como o Bandeira, o Nogueira, o Mitra do Bispo e os Três Irmãos. A volta procede pelo mesmo caminho, demandando talvez mais 2 horas. Incluindo a parada no cume, esta deve ser uma caminhada de pelo menos 6 horas.

Flora e Fauna

Embora situada na Mantiqueira, a região de Aiuruoca me parece situar-se numa leve transição entre esta e o Espinhaço. Os perfis arredondados, a mata atlântica e a vegetação de altitude da primeira convivem com a variedade desconexa da flora, os morros sedimentares e uma certa aspereza do segundo. Um pouco além de Aiuruoca fica o belo Parque de Conceição do Ibitipoca, onde a feição do Espinhaço mostra-se mais evidente.
Uma ocasião onde você poderá notar isso acontece logo na primeira encosta íngreme da trilha do Papagaio. Você começará subindo pelo moledo, nome dado na região à rocha sedimentar, típica do Espinhaço. A partir de certa altura, passará a encontrar rochas cristalinas, como na Mantiqueira.
Existem candeias, cedros, jatobás e canelas nas matas e, alegadamente, jacarandás que não cheguei a ver. As jaguatiricas e suçuaranas são muito comentadas. Lebres, raposas, lobos, quatis, corujas e tucanos são reportadas e, desta vez, pude ver alguns exemplares desta fauna.

O Parque e o Vale

O Pico do Papagaio pertence a um Parque Estadual, criado no papel em 1998 e ainda a ser implantado em 23 mil hectares que se estendem pelos municípios de Aiuruoca, Alagoa, Pouso Alto e Itamonte. Estes fazem parte do circuito das Terras Altas da Mantiqueira.
Existe ainda uma Reserva Ambiental de 3 mil hectares no Vale do Matutu. Matutu significa cabeceiras sagradas e há dezenas de nascentes no local. Esta região pode ser acessada pela estrada para Alagoa, subindo à direita na sua primeira bifurcação, 7 km após. Percorra mais 10 km de uma estradinha precária até chegar no Casarão, onde deverá deixar seu carro.
Existe neste vale uma comunidade que ocupa a encosta direita e que pratica a vivência conjunta, se bem que com moradias individuais. Na realidade, existe também a chamada Associação, dos habitantes locais. Os da Comunidade vieram de outros locais, sendo o Rio de Janeiro o principal. Voltarei a esse assunto em um próximo texto.

Atrações

Afora o Papagaio, a região apresenta várias outras montanhas interessantes. O ponto culminante é o Pico do Bandeira – falarei dele em outro artigo. Na região do Bandeira, você pode alcançar o Canjica e o Tamanduá. O Pinhal (também chamado de Cabeça do Leão) é acessível pelo Matutu, já ao Gamarra você só chegará por Baependi.
Na direção oposta, você poderá conhecer o poço e a cachoeira do Vale dos Garcia. Mas há cerca de 30 poços e cachoeiras, nas quais você poderá se recuperar do cansaço da viagem e da caminhada ao Papagaio.

www.mountainvoices.com.br

Novos livros de excursionismo aquático

O experiente montanhista Sérgio Beck lança dois manuais para excursionistas com um pé na água

Eliseu Frechou | SP

Sérgio Beck é uma das poucas pessoas que conheço que conseguem conciliar "viver o sonho" e ser produtivo. Ao longo de duas décadas este entusiamado personagem do montanhismo brasileiro se empenhou em aprender técnicas e a arte de escrever sobre coisas novas com o mesmo afinco que subiu o Cho Oyo em 83, tornando-se o primeiro brasileiro a escalar um pico de 8000m.
Mas confete de lado, Beck escreve bem, num linguajar bastante peculiar que torna a leitura de fácil compreensão. Pena que sua revista Aventura já esteja com seu projeto congelado temporariamente, reflexo da crise editorial que o Brasil vive. Menos mal que agora, ele tenha tempo em voltar a escrever seus manuais de técnicas, que suprem uma lacuna imensa de falta deste tipo de literatura em nosso país, seja no montanhismo, espeleologia e outras modalidades do excursionismo.
Aproveitando o tempo, de uma vez só Beck lançou dois manuais em formato de bolso. Veja abaixo a resenha do próprio, sobre seus novos textos:

"O livro de canionismo trata das técnicas verticais em rio e cachoeira. Não é apenas sobre rapel. O canionismo evoluiu muito em termos de técnica, especialmente para resolver os perrengues que acontecem na descida por cachoeiras, com a água batendo em cima (batendo mesmo), e deixando o infeliz canionista sem outra opção que a de ser baixado de cima, pelos companheiros na ancoragem da corda (entra aí o rapel debreável, de que muita gente nunca ouviu falar).
Isto e outras técnicas de auto-resgate. Para um livrinho de 72 páginas, está recheado de informação...
Já o de canoismo pretende desmistificar a arte de sair por aí no remo, explorando e acampando por um rio fácil. Aliás, num país com tanto rio dando sopa, é espantoso que aventuras aquáticas não sejam mais comuns. O livro aborda técnicas tanto de mar como de rio, discutindo até mesmo as pegadinhas para cruzar as corredeiras mais fáceis, de classe 1 e 2. Rios mais complicados, de classe 3 prá cima, já são outro assunto (outras alemanhas, diria o Vicente Matheus). Mas para quem sempre sonhou em excursionar por aí de canoa ou caiaque, aqui temos 80 páginas de introdução ao assunto."
E cada um custa R$14,00 nas lojas especializadas em equipamentos de montanhismo, ou então pelo e-mail do autor: sbeck@netstyle.com.br.
Aproveite e informe-se sobre os outros importantes títulos do autor, que já escreveu sobre escalada, montanhismo, caminhada, cozinha e primeiros socorros em montanha.

A revista de aventura para aventureiros, agora com 100 páginas!

E com o site reformulado:

www.aventuraeacao.com.br

Para assinar ligue: 11-3021 4580

Aventura & Ação
100 páginas
Edição Especial
1ª Expedição Aventura & Ação
Serra do Tabuleiro - SC em 24 páginas
Victory
Floresta Amazônica
sob as lentes de Araquém Alcântara
8 Botas
SANA, um parque aquático natural no Rio de Janeiro
Entrevista
Trekking, escalada, remo e pedal no Fim do Mundo
Belo Horizonte
uma capital repleta de aventura
R$ 8,90

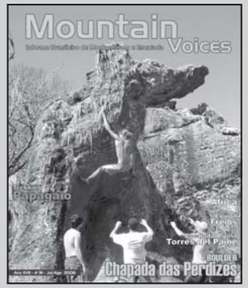
www.mountainvoices.com.br

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices *é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a pratica deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.*

Editores*: Eliseu Frechou, Elizabeth B. Frechou, Vítor B. Frechou , Artur B. Frechou e Jorge B. Frechou.*

Contatos: *pela Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, criticas e apoio.*



Capa: Reinis Osis no projeto *Capelinha* na Ponta Leste da Chapada das Perdizes, MG. Foto: Jonas dos Santos.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP.
Preços válidos até 30/10/2006.

Nome.....

Endereço.....

Cidade.....Estado.....

CEP.....-.....Telefone.(.....).....

E-mail.....

Idade ..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....

Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra

Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada

( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

( ) Assinatura Mountain Voices - R$ 25,00
( ) Renovação Assinatura - R$ 20,00
( ) Assinatura 2 anos - R$ 40,00
( ) Número Atrasado do Mountain Voices - R$ 5,00 / exemplar
( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R$ 20,00

91

Total .....,00

Índice dos Números Anteriores

1. Será que o alpinismo já atingiu o seu cume?, O guia de montanha e a experiência européia, Cuidado com a hipotermia, O que é mesmo espeleologia?
2. Conjunto Pedra do Baú, Expedição Brasil-Everest 91, Pitons, Alimentação natural, Meditação na escalada, Cordas e camelos, Apuane.
3. Urca, Quedas e ejaculação precoce, Solo e sonho, Montanhismo apolítico, Caparaó, II Sul-americano de escalada, Asas de nylon.
4. Anhangava, Montanhismo e neurolinguística, Escaladores x meio-ambiente, Lesões nos dedos, Cerro Tolosa, Publicações da SBE, Caraça.
5. Prateleiras, Porque o montanhismo ainda não se organizou?, Expresso Paraná, E o vento levou, Ética, Travessia Garrafão-Papagaio.
6. Conjunto Marumbi, Quanto vale o Pão de Açúcar?, Excursionismo consciente, Bóia-cross, Troglobionts?!, Half Dome clean, Ecologia e política, Cho-Oyo, Canastra.
7. Serra do Lenheiro, Atalhos, Táticas esportivas, Crianças na trilha, Peruaçu, Dicas para dias frios, Canoagem, Sua própria aventura.
8. Pico do Jaraguá, O caminho não percorrido, Ecoturismo, Caminhos da mantiqueira, Agudo do Cotia, Pão de Açúcar face norte, Mergulho na Santana, Kilimanjaro.
9. Brasília, Guia Ecológico, Ancoragens, Gruta do Janelão, Congelamento, Caatinga.
10. Rio Grande do Sul, Segurança americana, Vale do Peruaçú, Branco total, Petrópolis-Teresópolis.
11. Chapada Diamantina, Manual do Montanhista, El Capitan, A escalada do Lanin, Topografia em cavernas I, Minas Gerais.
12. Dedo de Deus, Associação Carioca de Escaladores, Topografia II, Duas antenas e uma parede, Europa, Conquista do Annapurna, Itaimbezinho, Raio na Montanha.
13. Serra da Capivara, Acima da neve, Face norte da Pedra do Baú, Toca da Boa Vista, Serra Fina.
14. Pico das Agulhas Negras, Carrapato, Alpes, Grampear ou não grampear, Monte Roraima.
15. Morro de Pedrinha, Ibitirati em solo, Pelo mundo afora, Fotografia, Canoagem, Espectro de Brocken.
16. Bragança Paulista, Cachoeira da Fumaça, Canoagem, Orientação.
17. Florianópolis, Itararé, Paraglider, Aventura nas veias, Nepal, Curso UIAA.
18. Pico Paraná, Curso UIAA, I Congresso Brasileiro de Montanhismo, Nepal.
19. Pão de Açúcar, Alain Renaud, Trango Tower, Treinamento esportivo I, Serra do Cipó.
20. Visual das Águas, Nas encostas não tão solitárias do Everest, Treinamento esportivo II, GPS, Proibir ou pagar?
21. Lapinha, Bernd Arnold e Kurt Albert no Brasil, Retrospectiva 93, Marins-Itaguaré, Dinossauros no Anhangava, Bolívia.
22. Buraco do Padre, Canyoning no Cipó, Bito solitário no Baú, Para que morrer?, Aventuras no Garrafão, Crazy Muzungus, Pedra Branca de Pocinhos.
23. Sertão de Pernambuco, Os Descaminhos da escalada no Brasil, Cipó x 5.13, Salathé free, Pedra Selada de Mauá.
24. Ana Chata, K2, Quedas de guia, Ibitirati, Serra da Bocaina.
25. Bahia, Bolívia, Half Dome, Gullich, Morro da Meia-Lua.
26. Pedralva, El Capitan, Los Gigantes, Criar e reciclar, Itajubá.
27. Pedra do Segredo, Guarujá, Serra da Guarita, Canyoning, Bolts from the blue, A maior rota de Minas.
28. Itacoatiara, Patagônia, Cerro Torre, Meteorologia, Medo de cair, Morro do Tira-Chapéu.
29. Pico do Papagaio, Everest pirata, Mal de altitude, Acidentes em campeonatos, Serra do Caraça.
30. Espirito Santo, Graduação artificial, Normas para equipamentos, Santa Rita do Jacutinga, Trilha Inca.
31. Guaraiúva, Na linha de fogo, Pequenas notáveis I, Illimani, 6000 metros na Bolívia, Itambé.
32. Arenito gaúcho, Montanhismo e Internet, Estilo alpino no Himalaia, Pequenas notáveis II.
33. Nova rota no Marumbi, Solução Suicída, Huayna Potosi, Morro da Formiga, Trekking na Canastra, Monte Verde.
34. Morro do Cuscuzeiro, Torres del Paine, Face sul do Corcovado, As maiores montanhas do Brasil, Perú.
35. Salinas, Escalando nas cavernas, Solitárias na Pedra do Baú, Sites de montanhismo na WEB, Tour na Europa, Serra da Cangalha.
36. Santa Catarina, Reformas no Anhangava, Monte Vinson, Campeonato Panamericano, Guaraú, Carta aos Montanhistas.
37. As agulhas do Espírito Santo, Conquista dos Cinco Pontões, Fator de Queda, Aventuras no Equador, Agarras e Ética, Rapel - um grande equivoco.
38. Jardim botânico do Rio, Projeto Sete Cumes, Serra Fina, Bragança Paulista, Jordânia, Corpo de Socorro em Montanha
39. Pedreira do Dib, Eiger, Ilha Bela, Pedra do Moitão, Guaraiúva, Campo-escola 2000.
40. Pedra da Divisa, Monte Elbrus, Fator humano, Escaladas em rocha no Chile, Trekking do Everest, Convite à Aventura.
41. São Luís do Purunã, Bolívia, Sintonizando a cordada, Nosso futuro comum, Federações?
42. Vista Aérea, Travessia Marins/Itaguaré, Dedo de Deus, Face Sul do Aconcágua.
43. Pedra do Índio, Trekking no Kilimanjaro, Apagando uma luz falsa, Realidade Vertical, Espanha, Acidente no Aconcágua.
44. Big Wall na Serra dos Órgãos, Torres del Paine, Rocha e gelo nos Andes, Pico do Baiano -nova rota de 1000m, Trekking ao Focinho D'Anta.
45. Calcário em Minas Gerais, Projetos de escalada, Perigos do Gelo, Terra de Gigantes, Patagônia, Pedralva, Pedra do André,
Corcovado de Ubatuba.
46. Torres de Bonsucesso, Elbsandstein, Illimani, repetição da Eco-xiitas, novos clubes de montanhismo.
47. Falésias do Quilombo, El Capitan, Pico do Cuscuzeiro, Terra Brasileira (Pedra do Sino), Resgate na Ouro Grosso, Como são as competições esportivas.
48. Conquista no Corcovado, Cerro Plata, Dedo de Deus, Treinamento Esportivo, Montanha e mau tempo, As Pedras esquecidas do Rio de Janeiro, Castleton Tower, Morro do Carmo.
49. Camboriú, Conquistas Brasileiras em Cochamo,Garrafão, Aconcágua, Pico do Trabijú.
50. Morro do Camelo, Tipos de Mosquetão, Imprudência Rapeleira, Pico do Baiano, Patagônia, Superagüi.
51. Falésias do Serrano, Avaliação Física, Europa, Ibis em Solitário, Mont Blanc, Rapel, Chapadão da Babilônia.
52. Anhangava, The Diamond, Blocantes, Guia de Montanha, Caraça, Marins-Itaguaré.
53. Guaratiba, Mulheres no Marumbí, Nordeste do Itabira, Costa Rica, Caderno Indoor
54. Rotas Piratas, Pedra da Boca, Baudrier e Loop, Patagônia, Bagé, Caderno Indoor.
55. Salinas, Big Wall no Garrafão, Monte Roraima, Shipton, Pico União, Entalando-se Fácil, Caderno Indoor.
56. Serra do Cipó, Conquista do Castelão-PNSO, Trekking no Vale do Paraíba, Gruta dos Três Lagos, Caderno Indoor.
57. Pão de Açúcar, Trekking na Serra da Bocaina, Pedra do Sino, Caderno Indoor.
58. Florianópolis, Big Wall no Ibitirati, Trekking na Bolívia, Caderno Indoor.
59. Morro do Cuscuzeiro, Creatina e potência, novos points no Rio Grande do Sul, Anti-inflamatórios, Travessia da Serra Fina, Internacional, Indoor.
60. São Luis do Purunã, Serra da Capivara - PI, Maria Comprida, Dor na Escalada, Trekking ao Pico da Neblina - I, Internacional, Indoor.
61. Escalada Tradicional, Os Segundos Sete Cumes, Slack Line, El Chorro - Espanha, Eclipse Oculto - Pedra do Sino, Trekking ao Pico da Neblina - II, Internacional, Indoor.
62. Salto Ventoso, Novas rotas na Paraíba, Copa do Mundo de Escalada, Campos Gerais - PR, Crazy Muzungus, Trekking à Pedra do Sino, Internacional, Indoor.
63. Falésia dos Olhos, Festivais de Escalada, Espírito Santo, Conquistas na Bahia, Travessia da Serra Fina, Internacional, Indoor.
64. Cachoeira do Tabuleiro, Quixadá - CE, Boulders em Sorocaba, Grand Teton, Internacional, Indoor.
65. Blocos dos Serranos, Diogo Ratacheski x Mr. Bill, vias do Dedo de Deus, Calcário do PR, Corda Dupla I, Internacional, Indoor.
66. Pedra do Segredo, Seminário de Impacto, Patagônia - Saint Exupéry, Graduação Brasileira, Corda Dupla II, Internacional, Indoor.
67. Campo-Escola 2000, Serra do Lenheiro, Workshop de resgate no Baú, Projeto Paredes de Minas, Técnica e Ética de Mínimo Impacto I, Internacional, Indoor.
68. Pedra do Sino, Bouldering no Sul do Brasil, André Ilha e Antônio C. Magalhães, Novas rotas: Nefelibatas e Taxi Lunar - Pedra do Sino, Técnica e Ética de Mínimo Impacto II, Internacional, Indoor.
69. Morro dos Cabritos - RJ, Maria Comprida, Points Secretos, O Caminho do Sol, Forum Pró Serra Fina, Internacional.
70. Edgar Kittelmann, Sulamericano de Boulder, Do kichute à sapatilha, Pedra do Itamaraem, Como ajudar os seguranças, Info Femerj, Internacional
71. Paraíba, Pedra Riscada-MG, Resmont, Paradas, Minas do Camaquã, To bolt or not to be, Info Femerj, Internacional.
72. As super vias de Escalada, Tadeusz Hollup, Tempestades, Montanha de valores, Paulista 2003, Adote uma montanha, Info Femerj, Internacional.
73. Araçatuba-PR, Cerro Branco-RS, Bivaque forçado, Amazônia, Leaning Tower-EUA, Cordilheira Huayhuash, Info Femerj, Internacional.
74. Prateleiras, Los Encardidos, Erwin Gröger, Trekking no Caraça, Padrão brasileiro de classificação de escaladas, Info Femerj, Internacional.
75. Perigo na Escalada, Southern Comfort, Pico dos Marins, Terra de Gigantes, Caminhadas em Campos do Jordão, via Abuso - Escalavrado, Ética, Internacional.
76. Novas vias na Pedra do Baú, Roberta Nunes na Groenlândia, Atibaia, Pedra Baiana-ES, Escalada Solo, Controle mental, Pico da Bandeira-ES, Internacional.
77. Falésia do Lagarto, Ancoragens, Conquistar ou equipar?, Ceará, Cachoeira do Tabuleiro-MG, Pico das Almas, Internacional.
78. Chapada Diamantina-BA, Preservando nossa memória, Dicas sobre a Escalada Tradicional, Pedra do Elefante-MG, Exercícios Pliométricos para melhorar a potência, Trekking ao Pico do Barbado, Itacolomi protegido, Internacional.
79. Itajubá-MG, Paulista 2004, Equipar ou pré-equipar?, Segurança em Top Rope, Tipos de agarras de plástico, Serra Fina ganha ONG, Info FEMERJ, Internacional.
80. Etzel Stockert, Pedra Baiana-ES, Plastic Man, Classificação Brasileira, Internacional
81. Tradicional em Jacinto-MG, Baturité-CE, Chapada Diamantina-BA, Aconcágua Invernal, Cantagalo-RJ Comunicação Silenciosa, Internacional.
82. Quixadá-CE, Nick em Yosemite, Brasileiro 2004, Potrero Chico-México, Escale rápido, Federações, Internacional.
83. Pico do Itapeva, Cerro Torre, Dicas de aquecimento, Controlando as quedas de guia, A casa do pânico.
84. São Chico, Controle seu medo de cair, Manutenção de Equipamentos, Falésia do Zé Vermelho, Moda do Picu.
85. Salto São Jorge, Araxá, Cuidados com a sapatilha, Fazendo segurança, Decifrando o grau de exposição, Mais rotas no Picu de Itamonte, Internacional.
86. Garrafão do ES, Building, Site Segurança em Montanha, Campeonatos, Bolívia, Grau de exposição, Comunicação via rádio, Internacional.
87. Os Impermeáveis, Torres de Santa Maria, Ana Boscarioli no Cho Oyo, Blox 2005, Mudanças climáticas, Trekking na Cordilheira Blanca, Internacional.
88. Novas escaladas em Santa Catarina, filmes de montanhismo e escalada, Fernando de Noronha, tipos de baudriers, Internacional.
89. Novos points no Espírito Santo, Ascensão brasileira no Fitz Roy, Los Arenales, Escaladas na Paraíba, Internacional.
90. Anhangava, Nick na Tempest, Direito ambiental, Big wall no Ceará, Red ou pink point?, internacional